



PANDEMIA E POLÍTICAS DA VIDA NA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS
(PPGESA)

REITOR José Bites de Carvalho

DIRETORA DO DCH III/CAMPUS III Edonilce da Rocha Barros

COORDENADOR DO PPGESA Josenilton

EDITOR-GERENTE João José de Santana Borges

EDITOR ASSISTENTE André Vitor Brandão

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

César Bolano/Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Cicilia Peruzzo/ Universidade Metodista de São Paulo

Giovandro Marcus Ferreira/ Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Ismar de Oliveira/ Universidade de São Paulo (USP)

Maria Immacolata Lopes/ Universidade de São Paulo (USP)

Thomas Tufte/ Roskilde University Center da Dinamarca

Israel Rocha/Universidade Federal da Bahia (UFBA)

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO André Vitor Brandão

APOIO Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG-UNEB) Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura nos Territórios Semiáridos (PPGESA)

SUMÁRIO

EDITORIAL	01
------------------	-----------

João José de Santana Borges

TOME TENTO, CORONAVÍRUS! UM PROJETO DE COMBATE A DESINFORMAÇÃO E A FAKENEWS	03
--	-----------

Teresa Leonel, Edonilce de Barros

AGÊNCIA MULTICIÊNCIA E TV CEMAS: A PRODUÇÃO DE CONTEUDO EDUCOMUNICATIVO PARA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO À COVID19	16
---	-----------

Andréa Cristiana Santos, Manuela Pereira de Almeida

A UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UATI) DE JUAZEIRO (BA) EM FACE AO COVID-19: ATIVIDADES VIRTUAIS E CONSERVAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS	28
--	-----------

Iva Lima, Waltenice de Carvalho

PROCESSOS CRIATIVOS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA	38
--	-----------

Lucas Bispo de Oliveira Santos, André Luis Correia da Cruz, Patricia dos Santos Miranda

UTILIZAÇÃO DE ELEMENTOS DE GAMES EM SALA DE AULA: UMA ALTERNATIVA DIDÁTICA E LÚDICA ATRELADA À QUÍMICA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	54
--	-----------

Maria Letícia Gomes Vieira, Danielle Juliana Silva Martins

O ENSINO REMOTO E OS IMPACTOS NAS APRENDIZAGENS	65
--	-----------

Edilane Carvalho Teles, Adriana Campana, Suéller Costa, Fabiana Nascimento

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA – ENTREVISTA COM ALEXANDRE BARRETO	81
--	-----------

Raphael Barbosa

Educação pela Vida

São tempos vividos em intensidade. A Educação atravessa o tenebroso momento. E atravessa. Encontra caminhos, tem seus agentes ansiosos e amedrontados, mas realizando suas construções em meio ao caos: pandemia, desgoverno, fake news. Soluções encontradas na arte, na corporeidade, nas redes sociais, nas plataformas digitais. A Educação Pública, esse triunfo histórico da humanidade, produto de lutas políticas de outros tempos, tão agonísticos como esse, encontra novos rumos, “arranja-se com o que tem”. Mãos que digitam frenéticas, interfaces que se desdobram na cultura digital, corpos através de telas, vigorando falas de lucidez e fraternidade. Eis a tônica de edição especial da Revista Comsertões: Políticas da Vida na era da necropolítica. Sonhos de emancipação resistem, e insistem em vicejar, a despeito de todo um cenário de demolição e catástrofe. Impossível não falar da pandemia: enquanto essas linhas são escritas, ecoam as notícias de 190 mil mortes em nosso país. Um número maior que muitas guerras que nos precederam, e, por trás desses números, famílias desconsoladas, entes vitimados, amigos partindo. Um momento de pesar que pede recolhimento, e não apenas o uso de máscaras e álcool em gel. E com quantas máscaras haveremos de lidar em nosso encontro súbito conosco, na solidão do nosso confinamento? A poesia, a música, a artisticidade têm sido alguns de nossos refúgios, conforme alguns dos textos aqui publicados. Do outro lado, convivemos com informações desencontradas, fragmentos de distopias, aposta na ciência/ descrença da ciência, acordos escusos, desvios de verbas, figuras públicas em absoluta confusão mental. A razão cínica imperando entre os dirigentes, um ministro da Saúde sem credenciais, um presidente em surto egóico.

“E no entanto, é preciso cantar/ mais que nunca, é preciso cantar”. Assim diz a música de Vinícius de Moraes. Assim, essa edição assume o seu canto, a sua condição de registrar momentos inspiradores de resiliência: os professores, estudantes, agentes da Educação Pública, enfrentam os desafios e continuam sustentando suas ações em cenários imprevistos, sem saber em que resultarão esses esforços. A edição registra esperança e criatividade social, registra alternativas, tentativas, experiências, e essas não devem ser desperdiçadas.... suas lições são inscritas no fogo desse tempo, de perplexidades, opacidades e transparências. Os textos aqui reunidos cumprem esse propósito: trazer luz para as sombras, enfrentar os medos da caverna. Um olhar para dentro. E as máscaras continuam a cair. O riso cínico de muitos não sufoca o sorriso que se esconde por trás da prudência. Enquanto a ansiada vacina não chega, é preciso nos precaver, vacinar nossas consciências com a Educação: o ritmo acelerado de aprendizagens múltiplas não haverá de ser em vão. E a tessitura de cuidados permanecerá alimentando as esperanças da travessia. Este editor

também participa de seu quinhão, através das práticas de yoga ensinadas através das plataformas digitais. Embora o Yogamundi, projeto de extensão financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da UNEB, não participe dessa edição enquanto relato, participa ocultamente de sua feitura: convida a ampliar a respiração, segurar o fôlego, expandir as possibilidades de sobrevivência. Sigamos, pois, respirando o suor dessas páginas e encontrando nelas, nossas chances de emancipação renovadas.

João José de Santana Borges (editor)

Tome tento, Coronavírus!: Um projeto de combate a desinformação e a fake News

Teresa LEONEL¹
Edonilce da Rocha BARROS²

RESUMO

Este artigo apresenta um relato sobre o projeto de extensão especial *Tome tento, coronavírus*, realizado no período de 14 de maio a 15 de agosto de 2020, a partir da produção em áudio (podcast, boletim e spot) de conteúdo jornalístico educativo sobre a COVID-19, visando combater a desinformação e as fake News disseminadas em alguns municípios e interiores do Semiárido nordestino (BA, CE e PI). O experimento proporcionou aos estudantes envolvidos a vivência remota na produção, apuração e edição de narrativas jornalísticas, dialogando com as áreas de saúde e tecnologias digitais, por meio da criação de conteúdos informativos que fomentaram o jornalismo na área da educação. O material foi veiculado em rádios e redes sociais como YouTube, Spotify, Instagram e grupos de Whatsapp.

PALAVRAS-CHAVE: Coronavírus; Desinformação; Fake news; Jornalismo e educação; Redes sociais.

ABSTRACT

This article presents an account of the special extension project *Tome tento, coronavirus*, carried out from May 14 to August 15, 2020, based on audio production (podcast, newsletter and spot) of educational journalistic content about COVID -19, aiming to combat misinformation and fake News disseminated in some municipalities and interiors of the Northeastern Semi-arid (BA, CE and PI). The experiment provided the students involved with a remote experience in the production, investigation and edition of journalistic narratives, dialoguing with the areas of health and digital technologies, through the creation of informational content that fostered journalism in the area of education. The material was broadcast on radio and social networks such as YouTube, Spotify, Instagram and Whatsapp groups.

KEYWORDS: Coronavirus; Disinformation; Fake news; Journalism and education; Social networks.

RESUMEN

¹ Doutoranda do PPGCOM da Universidade Federal de Pernambuco, mestre em Comunicação pela UFPB e professora de jornalismo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Campus Juazeiro). E-mail: tlcosta@uneb.br

² Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e diretora do Departamento de Ciências Humana III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Juazeiro. E-mail: ebarros@uneb.br

Este artículo presenta un relato del proyecto especial de extensión *Tomemto*, coronavirus, realizado del 14 de mayo al 15 de agosto de 2020, basado en la producción de audio (podcast, newsletter y spot) de contenido periodístico educativo sobre COVID -19, con el objetivo de combatir la desinformación y noticias falsas difundidas en algunos municipios e interiores del Semiárido Nororiental (BA, CE y PI). El experimento brindó a los estudiantes involucrados una experiencia remota en la producción, investigación y edición de narrativas periodísticas, dialogando con las áreas de salud y tecnologías digitales, a través de la creación de contenidos informativos que fomentaron el periodismo en el área de educación. El material fue transmitido por radio y redes sociales como YouTube, Spotify, Instagram y grupos de Whatsapp.

PALABRAS CLAVE: Coronavirus; Desinformación; Noticias falsas; Periodismo y educación; Redes sociales.

1. Introdução

Considerando o momento de pandemia em níveis nacional e internacional, provocado pela COVID-19, doença causada pelos Coronavírus, denominado SARS-Cov-2³, a informação ou a notícia esclarecedora e confiável, tornou-se imprescindível para o conhecimento sobre o vírus e as consequências relativas ao comportamento social das pessoas, as relações interpessoais, profissionais e de convivência em sociedade. Para as populações de menor poder aquisitivo, isoladas dos grandes centros urbanos ou de vulnerabilidade social, as informações sobre a COVID-19 foram (e são) de extrema relevância, sobretudo, pela circulação de fakesnews, conteúdos não confiáveis ou manipulados e de caráter desinformativo. Tais conteúdos contribuem para uma maior desvalorização ou minimização da gravidade do problema, assim como não esclarecem à população os cuidados e prevenções que devem ser feitos para evitar o contágio.

O projeto de extensão especial **Tomemto, Coronavírus!** surgiu com a proposta de combater a desinformação e as fakesnews sobre a COVID-19 em alguns municípios e interiores dos estados da Bahia, Ceará e Piauí, especificamente na região do Semiárido nordestino, fomentando um conteúdo jornalístico regional, através de informações com foco na educação. O formato e as narrativas foram construídos para spots, com duração de até um minuto, podcast e boletins informativos com duração de até cinco minutos. Esses últimos permitem a inclusão de sonoras (entrevistas), dando mais profundidade ao conteúdo.

³Em dezembro de 2019 houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. Fonte: Ministério da Saúde. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso: 20 out 2020.

O material, realizado de forma remota, contou com o apoio institucional da Fundação Oswaldo Cruz e foi veiculado em plataformas como o YouTube⁴, Spotify⁵, Instagram⁶, grupos de WhatsApp, rádios comerciais (parceiras), educativas e comunitárias e prefeituras das localidades envolvidas no projeto. A produção foi elaborada por dois estudantes, Jayanne Rodrigues Sousa e Pedro Henrique Miranda Santos do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro, e coordenada pelas professoras Teresa Leonel e Edonilce Barros.

O experimento proporcionou aos alunos a vivência da produção e edição de conteúdo, dialogando com a área da saúde, usando tecnologias digitais e possibilitando narrativas informacionais na área educacional, de relevância social, além de fazer uso da linguagem do cotidiano e de fácil compreensão pelo ouvinte. No percurso se considera as práticas jornalísticas no campo tradicional das grandes mídias e a reconfiguração do fazer jornalístico em outros espaços comunicacionais. Para tanto, também foi necessária uma reflexão das mudanças do jornalismo regional no que se refere às adaptações de outros mecanismos de difusão da notícia local, (SAVENHAGO, 2012 e CAMPONEZ, 2002), modificando os hábitos de produção e consumo da informação.

2. Desafios de informar no meio da desinformação e das fake news

As informações construídas a partir de narrativas jornalísticas com as especificidades dos critérios de noticiabilidade do campo do jornalismo se fazem imprescindíveis para combater a desinformação e as fake news sobre o novo coronavírus/COVID-19. Os valores-notícia (TRAQUINA, 2005) trazem os critérios de relevância social da notícia, o ineditismo, a prestação de serviço à comunidade. É preciso, ainda, acrescentar aos meios de comunicação considerados massivos (TV, Rádio, Jornal) as redes sociais que compõem as mídias pós-massivas⁷ e fazem parte do volume informacional que circula em todas as plataformas e reconfigura a informação.

⁴ Canal Tome coronavírus https://www.youtube.com/channel/UCQ2jpzZ1pgv47zfFbLmWzHg/?guided_help_flow=5

⁵ cutt.ly/Hy155qZico

⁶ [instagram.com/tometentocoronavirus/](https://www.instagram.com/tometentocoronavirus/)

⁷ As mídias massivas são aquelas que, em sua maioria, apresentam-se como uma concessão do Estado e controlam o fluxo de informação, criando a esfera pública moderna. Já as mídias pós-massivas, surgem com a globalização das redes e a possibilidade de ampliação do circuito de informação. São descentralizadas e possuem uma emissão aberta e sem controle. (LEMOS, 2010).

O que se intitula como o "novo normal" pós-pandemia ainda está sendo posto como uma retórica a ser desbravada na construção dos novos arranjos sociais, econômicos e políticos. No jornalismo e nos processos comunicacionais isso ainda demanda estudo e aprofundamento. A pandemia exigiu uma mudança no modo de convivência social e alteração radical do cotidiano. As aglomerações com amigos e familiares foram banidas das relações sociais, visando controlar o aumento de disseminação do vírus e a sobrecarga do sistema de saúde. Portanto, os veículos de comunicação como rádio e TV, assim como as redes sociais, via smartphones, foram à saída para a convivência virtual, acesso às informações e entretenimentos.

Para Melissa Vogel (2020),⁸ nas redes sociais a notícia virou assunto e o conteúdo do rádio transcendeu as plataformas e meios de transmissão para se tornar viral na ponta dos dedos dos brasileiros. Os meios eletrônicos acompanharam o fluxo de notícias, principalmente os podcasts e/ou boletins. Uma pesquisa do Kantar Ibope Media (2020)⁹ revelou que 71% dos brasileiros declararam ouvir a mesma quantidade de rádio ou mais após as medidas de isolamento social, enquanto 20% afirmaram ouvir muito mais rádio após o início da quarentena.

Em relação à região Nordeste, 79% da população são ouvintes de rádio, numa média de 4h49min¹⁰ de acompanhamento das programações. Esse resultado pode estar relacionado ao crescimento da fadiga das imagens visuais, ligado à sensação de companhia do áudio, ao contar histórias em nossos ouvidos de forma íntima, visto que no início da pandemia as pessoas ficavam em casa por um período mais longo. No que se referem aos formatos comunicacionais em veículos como rádio ou produções em áudio e a aceitação do público a conteúdo nesse formato está consolidada.

Por meio das redes sociais que operam nas plataformas digitais, a difusão da desinformação sobre a COVID-19 no semiárido nordestino, especificamente na Bahia, Ceará, Piauí e Pernambuco, trouxe os conteúdos falsos, imagens adulteradas e notícias descontextualizadas em grupos privados de WhatsApp. Associado a esse movimento as fake

⁸CEO Brasil da Kantar IBOPE. Media www.kantaribopemedia.com

⁹https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2020/09/INSIDE-RADIO-2020_Kantar-IBOPE-Media.pdf

¹⁰https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2020/09/INSIDE-RADIO-2020_Kantar-IBOPE-Media.pdf

news ocuparam boa parte dos conteúdos que circulavam nas emissoras de rádio comunitárias e/ou educativa com acesso a lugares distantes dos centros urbanos ou regiões metropolitanas.

Nesse trabalho, estamos conceituando as fake news conforme adotado pela Comissão Europeia (CE) que caracteriza o termo no contexto amplo informacional da narrativa, "criada, apresentada e divulgada para obter vantagens econômicas ou para enganar deliberadamente o público"¹¹.

ACE reconhece que fake news não são necessariamente desinformação empacotada em forma de notícias jornalísticas, mas podem ser qualquer conteúdo enganoso que circule com virulência pelas redes sociais. O encapsulamento do sentido em unidades relativamente pequenas, que podem ser replicadas *ad infinitum* na lógica das redes sociais, evoca naturalmente o conceito de meme (vídeos, GIFs, fotos ou textos curtos produzidos para as plataformas digitais, na maioria das vezes sem fonte, sem o devido contexto, nem autoria definida). (COSTA & ROMANINI, 2019, p. 68)

Essa realidade pode ser acompanhada pela equipe de produção do conteúdo do projeto Tome tento, Coronavírus, quanto ao nível de informações que circulavam (e circulam) em grupos noticiosos de WhatsApp nas principais cidades de Petrolina-PE, Juazeiro-BA. As informações e as fakesnews são repassadas para outros grupos noticiosos nas áreas rurais ou distritos ligados às cidades em uma relação simbiótica de compartilhamento de dados numa perspectiva de situações semelhantes, ou seja, coisas que estariam (ou estão) acontecendo em diversas localidades com mesmas características geográficas, climáticas e econômicas.

Com esse projeto, a equipe percebeu que os consumidores de notícias se identificavam com o conteúdo que circulava nos grupos familiares, muitos deles replicados de outras redes sociais, mas que ganhavam força de veracidade em função da aproximação com os parentes e amigos nos grupos. Por se tratar de um trabalho de produção de conteúdo e não de avaliação da audiência é precário conjecturar sobre opiniões de ouvintes dos spots, boletins e podcasts do projeto, ainda que alguns deles tenham realizados comentários nas redes sociais nas quais o projeto estava sendo veiculado. No entanto, essa relato aponta de certa forma, para uma confirmação de perfis de pessoas que tendem a receber informações alinhadas aos seus gostos e aos seus modos de pensar.

¹¹COMISSÃO EUROPEIA. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comitê Econômico e Social Europeu e ao Comitê das Regiões: combater a desinformação em linha: uma estratégia europeia. Bruxelas: Comissão Europeia, 2018, p. 4. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52018DC0236&qid=1525280608825&-from=EN>. Acesso em: 18 set. 2020.

As fakesnews produzidas sobre a COVID-19 em todo o Brasil e que circularam, especificamente, no semiárido nordestino, objeto desse trabalho, desvirtuaram o propósito informacional educativo nas localidades com menos acesso a educação e conhecimento sobre a pandemia e contribuíram para o descredito de ações preventivas no combate ao vírus. Dessa forma, o projeto, a partir de uma linguagem coloquial e identificada com a rotina e cotidiano dessas localidades, elaborou conteúdos informativos e educativos chancelado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-campus Juazeiro), no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios e apoio da Fio Cruz, no sentido de orientar, informar, desmistificar dados e informações sobre a COVID-19 e seus efeitos na comunidade e nas famílias.

A produção de áudio em formatos de spots (até um minuto) ou podcast/boletins (até 5 minutos) se aproximou dos ouvintes através de termos usuais do dia-a-dia; da linguagem 'íntima e pessoal' que o nordestino desenvolve, fazendo uso de um dialeto próprio da região e de fácil compreensão. Esse tipo de trabalho, como ressalta Vicente (2011, p.91) faz "uso mais radical e inovador da linguagem de rádio em espaços de difusão alternativos como projetos sociais, educacionais ou rádios comunitárias". As relações construídas com os ouvintes, os processos de experimentação, a estética dos conteúdos e as dinâmicas de adaptação às diversidades locais e regionais em um espaço de comunicação gratuito fomentaram uma relação de pertencimento.

3. Os caminhos e os desafios

Na realização da produção de conteúdo do **Tome Tente, Coronavírus!**, procuramos trabalhar informações básicas que já estavam sendo divulgadas na mídia em geral, como uso de máscara, álcool em gel, como a transmissão acontece de uma pessoa doente para outra e a necessidade do distanciamento social. A ideia era priorizar as temáticas que estavam sendo veiculadas nos meios de comunicação e dessa forma, através de uma linguagem coloquial, construir uma narrativa que se aproximasse mais do público.

Todo trabalho foi realizado de forma remota. As temáticas também estavam sendo veiculadas em blogs e sites regionais. Por se tratar de conteúdo na internet consideramos a netnografia (FRAGOSO, 2012) como aporte para verificação. A netnografia (nethnography = net +

ethnography) ou etnografia virtual é o estudo de práticas comunicacionais mediadas por computador. (KOZIENS, 2010). Sua adoção é validada no campo da comunicação pelo fato de que “muitos objetos de estudos localizam-se no ciberespaço” (MONTARDO & ROCHA, 2005).

O pesquisador quando vestido de netnógrafo, transforma-se num experimentador do campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o pesquisa (KOZINETS, 2010). A netnografia é a técnica para o “mapeamento dos perfis de consumo de seus participantes a partir de suas práticas comunicacionais nas plataformas sociais” (AMARAL, 2010). Também acompanhamos programas de rádios (rádio escuta) de narrativas jornalística/noticiosa, sites do Ministério da Saúde do Brasil, especificamente sobre a COVID-19¹² e da Organização Mundial da Saúde¹³.

O período de veiculação do material foi de 15 de maio a 14 de agosto de 2020, com frequência média de 3 (três) inserções semanal de spot (até um minuto) e 1 (uma) inserção de boletim ou podcast (até 5 minutos). O material foi veiculado nas rádios comerciais: Tropical Sat, FM 102,5, em Juazeiro-BA (550 km de Salvador) com transmissão também em Petrolina-PE (715 km do Recife); Rádio Cultura do Inahmuns, AM 96,0, em Tauá-CE (369 km de Fortaleza) e Radio Alvorada FM 98,3, em São João do Piauí (460 km de Teresinha). O conteúdo também foi distribuído nas rádios comunitárias *Liberdade Campo FM 104.9, em Maniçoba (distrito de Juazeiro-BA); Curaçá FM 87,9* (80 km de Juazeiro-BA) e Rádio Web Primícias em Senhor do Bonfim-BA (350 km Salvador). No caso das rádios comunitárias, o material era exclusivo em função das abordagens distintas. As rádios comunitárias e educativas têm funções primordiais no processo de difusão de conteúdo educativo. Como aponta Pena (2010, p. 187), "uma disposição de levar informação de real importância para as comunidades que precisam dela. [...] o jornalista de um veículo comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade".

A rádio Curaçá fica localizada na área urbana da cidade de mesmo nome, já a rádio Liberdade, se encontra na zona rural de Juazeiro, na comunidade Campo que pertence ao distrito de Maniçoba, a 30 km da sede. Todas essas áreas fazem parte do semiárido nordestino. O conteúdo era inserido na programação das emissoras de forma rotativa e a divulgação também foi articulada com o poder público para veicular os spots em carros de som nas localidades. A produção do material foi

¹²<https://coronavirus.saude.gov.br/>

¹³<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>

disponibilizada e divulgada nas redes sociais como o YouTube¹⁴, Spotify¹⁵, Instagram¹⁶ e grupos de WhatsApp.

Para o formato de boletins ou podcasts o material foi acompanhado de sonoras (entrevistas) e alguns informes mais aprofundados. Todos os conteúdos produzidos pautavam na necessidade de combater à desinformação e as fakesnews, orientações sobre isolamento, alternativas para se adaptar à nova rotina, cuidados essenciais voltados aos trabalhadores, à higiene pessoal, acesso aos direitos e solicitação de benefícios sociais, entre outros. (ver quadro 1)

Quadro 1

Projeto Tome tento, coronavírus Temáticas abordadas	
1. Desinformação em tempos de pandemia	18. Sobreviventes ao coronavírus
2. Importância do isolamento social	19. Interiorização da pandemia
3. Dietas restritivas na pandemia	20. Violência doméstica na quarentena
4. Especial dia das mães	21. Necessidade do uso da máscara
5. Uso de máscaras	22. Fadiga da quarentena
6. Saudade na quarentena	23. Campanha 'grupo raros'
7. Direitos das gestantes na pandemia	24. Impactos da pandemia no setor cultural
8. Distanciamento social	25. Desemprego entre jovens na pandemia
9. Negação da pandemia	26. Riscos da cloroquina e ivermectina
10. Enfrentamento da zona rural contra o coronavírus	27. Morte materna na pandemia
11. Reabertura do comércio	28. Debate sobre o retorno das aulas presenciais
12. Trabalhadores da limpeza urbana	29. Lar São Vicente de Paulo
13. Rotina das mães na quarentena	30. Como funcionam as vacinas e como são produzidas?
14. Amor nos tempos de isolamento social	31. Doze horas em um hospital de campanha de COVID-19
15. Nova rotina dos professores	
16. Trabalhadoras domésticas na linha de frente	
17. Rotina de crianças com autismo no isolamento social	

Fonte: Elaboração dos autores – Setembro/2020

Além dos órgãos e autoridades de saúde locais, a equipe mantinha contatos diretos com professores e moradores, através das redes sociais, o que fortaleceu a relação com os ouvintes, além de organizar o processo de apuração e checagem dos fatos. Com a coleta das informações segue a

¹⁴Canal Tome Tento, coronavírus

https://www.youtube.com/channel/UCQ2j pz Z1pgv47z fFbLmWzHg/?guided_help_flow=5

¹⁵cutt.ly/HyI55qZico

¹⁶instagram.com/tometentocoronavirus/

produção dos scripts de acordo com a realidade das cidades e das localidades nas quais o material foi veiculado. Os resultados do processo de produção foram conteúdos confiáveis e contextualizados sobre a pandemia com o número de 180 spots e 120 boletins e/ou podcasts.

4. Checagem e divulgação

A visita diária em sites de checagens de notícias como Agência Lupa¹⁷, Agência Publica¹⁸, G1 – Fato ou Fake¹⁹ e Aos Fatos²⁰ auxiliou na verificação de possíveis notícias falsas que circulavam em nível de país. Na checagem foram avaliadas informações imprecisas, distorcidas, exageradas, verdadeiras, falsas ou contraditórias de acordo com os critérios estabelecidos pelas agências de checagem. O resultado desse trabalho contribuiu para a segurança da informação produzida pela equipe. Uma narrativa confiável em meio a tantos desencontros informacionais que estavam, (e ainda continuam), sendo divulgados.

Todo o acompanhamento e atividade foi realizado de forma remota pela internet com uso de e-mail, criação de um grupo de WhatsApp com a equipe de produção; revisão textual e reuniões diárias pelas plataformas Hangout²¹ e WhatsApp. Esses espaços foram desenvolvidos de acordo com as necessidades técnicas da concepção do projeto e promoveram a convergência das linguagens, já que facilitam e humanizam as relações sociais. Após a elaboração do script pelos monitores, correção da professora Teresa Leonel, o material seguia para gravação, realizada também de forma remota por aplicativos instalados no celular e configurados para captar o áudio com maior qualidade. Depois da edição concluída, com o programa Adobe Audition, o material era compartilhado com as rádios parceiras por e-mail e WhatsApp e postado nas redes sociais. A estratégia de divulgação contou com um logotipo do produto (ver Figura 1) e cards comunicacionais (ver Figura 2) além de textos chamativos para estimular o engajamento do público.

Figura 1

¹⁷<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>

¹⁸<https://apublica.org/>

¹⁹<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>

²⁰<https://www.aosfatos.org/>

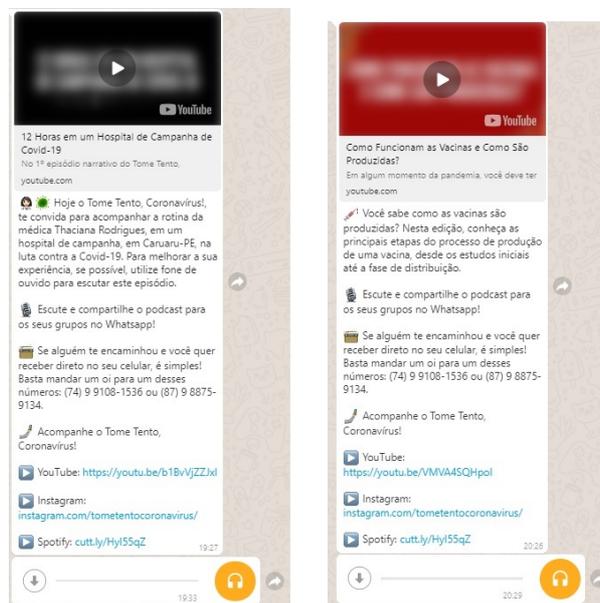
²¹ www.google.com/hangouts



Logotipo Tome Tendo, Coronavírus!

Todas as parcerias com as rádios comerciais/educativas/comunitárias foram firmadas sem fins lucrativos. O projeto também contou com o apoio da prefeitura de cada município no sentido de disseminação/replicação do conteúdo nos sites institucionais e nos folhetos informativos sobre a COVID-19.

Figura 2



Cardse textos para divulgação

5. Alguns apontamentos

Na região do semiárido nordestino, especificamente nas localidades mais distantes dos centros urbanos, não existem dados de aferição de audiência em relação às rádios comunitárias/educativas. Até mesmo as rádios comerciais das cidades de maior contingente populacional como Juazeiro-BA, cuja população está em torno de 220 mil habitantes²² e Petrolina-PE com estimativa de 300 mil pessoas²³ as projeções da audiência são feitas pelos próprios veículos que divulgam percentuais conforme seus interesses.

Uma vez que os spots e podcast/boletins do **Tome Tutto, Coronavírus!** foram veiculados em rádios comerciais/educativas/comunitárias, bem como nas redes sociais não podemos fazer projeção aleatória do alcance de público. No entanto, consideramos que as localidades receberam um conteúdo jornalístico sobre a COVID-19 com narrativa educacional a partir do cotidiano das pessoas de modo a explicar, didaticamente, sobre a prevenção e o combate ao novo coronavírus. O projeto de extensão em caráter especial provocou ainda uma reflexão sobre o papel da universidade junto à sociedade e, especificamente, as populações distantes dos centros urbanos e com menor acesso ao conhecimento educacional.

No momento em que fazer ciência no Brasil, especialmente na região Nordeste, num contexto de pandemia em que há um desmerecimento do saber acadêmico, o projeto Tome Tutto, coronavírus! tem uma função social no sentido de aproximar e ratificar o jornalismo como uma prestação de serviço em atendimento as demandas sociais.

Para os pesquisadores Ferraretto & Morgado (2020) é preciso envolver produtores de conteúdo, gestores de veículos de comunicação, poder público e profissionais da área de comunicação para pensar novos valores para enfrentar o processo da pandemia provada pela COVID-19. Os autores apontam alguns caminhos.

²²Fonte: IBGE/2016. Estimativa populacional: 220.253 pessoas.

²³ Fonte: IBGE/2017. Estimativa populacional: 337.386 pessoas.

1. Flexibilidade: adaptação ao novo cenário
2. Responsabilidade: reconhecer seu papel e o exercer mais plenamente possível, procurando obedecer a parâmetros éticos e técnicos na realização de suas atividades.
3. Parceria: expressão de uma união baseada na solidariedade.
4. Coragem: demonstração de força diante de situações complicadas. (FERRARETTO & MORGADO, 2020, pp.10 e 11)

Nessa perspectiva, este projeto contribuiu para estimular a colaboração dos estudantes de jornalismo na construção de narrativas jornalísticas com viés educacional no sentido de atender uma demanda específica de comunidades com pouco acesso a informação didática, instrutiva e de fácil compreensão. É preciso considerar, ainda, que a universidade está cumprindo o seu papel de provedora de conhecimento inclusivo e democrático, sobretudo numa perspectiva de bem comum, diante de um panorama tão caótico como este vivenciado pelas sociedades em todo o mundo.

O projeto **Tome Tente, Coronavírus!** fomentou o debate sobre as melhores práticas do jornalismo, aliando produção teórica, aperfeiçoamento profissional e aplicação prática das ideias e conceitos desenvolvidos. O trabalho também contribuiu para formação acadêmica dos alunos não apenas em termos de conhecimento jornalístico, mas do exercício da cidadania.

Referências

AMARAL, Adriana. **Etnografia e pesquisa em cibercultura**: limites e insuficiências metodológicas. Rev. USP [online]. 2010, n.86, pp. 122-135. ISSN 0103-9989.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**, Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**: Rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Minerva, 2002.

COSTA, M. C. C., & ROMANINI, V. (2019). **A educomunicação na batalha contra as fake news**. Comunicação & Educação, 24(2), 66-77. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p66-77>>. Acesso: 01 de out 2020.

FERRARETTO, Luz Artur & MORGADO, Fernando. **COVID-19 e Comunicação**: um guia prático para enfrentar a crise. Núcleo de Estudos de Rádio, UFRGS, Porto Alegre, 2020.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KOZINETS, Robert V. **Netnography**: Doing Ethnographic Research Online. London: Sage, 2010.

LEMOS, André, LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MONTARDO, S. P., ROCHA, P. J. **Netnografia**. Incursões metodológicas na cibercultura. Revista E-compós, 2005, v. 4, Brasília. Disponível em: http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf. Acesso em: 09 set 2020.

PENA, Felipe et al. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2010.

SAVENHAGO, Igor. **Jornalismo Regional**: estratégias de sobrevivência em meio às transformações da imprensa. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005

VICENTE, E. **Em busca do rádio de autor**: apontamentos para uma rediscussão crítica da história do rádio no país. Significação, São Paulo, v. 38, n. 36, p. 87-100, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2011.70918> . Acesso: 01 out 2020.

Agência Multiciência e TV Cemas: a produção de conteúdo educutivo para prevenção e enfrentamento à Covid-19.

Andréa Cristiana Santos²⁴
Manuela Pereira de Almeida²⁵

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados do projeto de extensão Prevenção e Saúde: Multiciência e Cemas juntos no combate a COVID-19 e desta forma contribuir para disseminação do conhecimento sobre as atividades acadêmicas, sobretudo extensionistas e sua relevância para universidade e comunidade. O projeto de extensão executado entre os meses de junho e agosto de 2020 produziu 12 programas de audiovisual com cunho educativo, cujo conteúdo tratava de temas relacionados à prevenção e saúde no contexto de pandemia. Como aporte teórico e metodológico estão as contribuições de Soares (2011;2014) e Citelli (2011), sobre ecossistemas comunicativos, já que o projeto teve como norte os princípios da educomunicação. Além destes autores, Epstein (2002) e Bueno (2014) nos ajuda a compreensão sobre a produção jornalística a respeito do tema ciência e saúde, e as rotinas de produção jornalística. Verificou-se a relevância de disseminar informações científicas como estratégia para combater o coronavírus e reforçar os vínculos com a comunidade escolar (professores, alunos e pais).

Palavras-chaves: Vídeos educativos. Educomunicação. Jornalismo científico.

1 INTRODUÇÃO

Vivendo num contexto de pandemia, ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, mais conhecido pela terminologia Coronavírus, microorganismo causador da doença Covid-19, o projeto de extensão Prevenção e Saúde: Multiciência e Cemas juntos no combate a COVID-19 se deu com a parceria entre a agência de notícias Multiciência e a TV CEMAS, canal ancorado na rede Youtube ligado ao Colégio Estadual Misael Aguilar Silva, CEMAS.

O projeto produziu, ao longo de três meses (junho a agosto/2020) doze vídeos educativos pautados a partir das editorias de ciência e saúde para informar a população, sobretudo ao público da TV CEMAS sobre a prevenção e os cuidados necessários de enfrentamento à doença e ao próprio contexto pandêmico, que exigiu das autoridades sanitárias e políticas de todo país a adoção de medidas de isolamento e distanciamento social como medida de prevenção ao rápido contágio que o vírus causa. Dentre as atividades suspensas estavam as aulas presenciais em todos os níveis educacionais (infantil, básico e superior).

Considerando este contexto, a TV CEMAS se configurava um elo entre a escola e os/as estudantes. A veiculação das produções audiovisuais do projeto na TV CEMAS estava direcionada a oportunizar que jovens e seus respectivos familiares o acesso às informações

²⁴ Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios do Departamento de Ciências Humanas – campus III da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB).

²⁵ Mestra em Educação Cultural e Territórios Semiáridos (PPGESA DCH III/UNEB). Professora Substituta no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios do Departamento de Ciências Humanas – campus III da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB).

necessárias, sistematizadas e confiáveis sobre a Covid-19 e as formas de enfrentamento à pandemia.

Para tanto, como aporte teórico fazemos uso dos princípios do jornalismo científico presentes em Epstein (2002) e Bueno (2014), popularização da ciência de Sabattini (2004). Compreendemos ainda o contexto da TV CEMAS como um ecossistema comunicativo, como apontam Soares (2011) e Citelli (2014) e as rotinas de produção de notícia a partir da contribuição de Mauro Wolf (1993). Com tais referências foi possível pensar os produtos, elaborá-los e debater os vários temas apontados como necessários.

Para efeito de organização, este artigo está separado em quatro seções, nas quais apontamos primeiramente o aporte teórico para elaboração dos programas e consequente execução do trabalho, na sequência a contextualização do colégio CEMAS e a TV CEMAS, da Agência Multiciência; posteriormente a descrição dos dados levantados com os estudantes sobre o conteúdo de seu interesse e dos programas veiculados.

Ao final é possível concluir que as produções audiovisuais seguiram conforme seu planejamento e a experiência da agência Multiciência com o jornalismo científico: compreensão dos temas a partir de pesquisas em artigos ou com entrevistas com fontes especializadas; o produto audiovisual educativo necessita ter a inserção dialógica com o público, desta forma uma investigação prévia do conteúdo a ser tratado é fundamental e por fim, o contexto de pandemia mostrou a necessidade da produção jornalística vinculada com as demandas comunitárias.

2 O PERCURSO TEÓRICO

2.1 Educomunicação e ecossistema comunicativo

No Brasil, os estudos sobre educomunicação se iniciam com mais vigor na década de 1990, embora as experiências neste campo ainda não estavam sistematizadas, porém, propostas e vivências em educomunicação já eram conhecidas na América Latina desde a década de 1960, com forte influência de autores e pensadores da educação e comunicação como Paulo Freire (Brasil), Mario Kaplún (México) e Juan Díaz Bordenave (Paraguai).

Ainda na década de 90, as pesquisas sobre educação/comunicação sofreram influência dos estudos culturais (Stuart Hall e Raymond Williams), favorecendo ao entendimento que a cultura é um processo sócio-histórico que assimila sentidos Soares (2014), e desta forma voltando os estudos do campo para “educação para a mídia” ou “educação para os meios de comunicação”.

O acúmulo de conhecimento e reflexões sobre esta interseção educação/comunicação permitiram sistematizar o conceito mais próximo da prática já existente, surgindo assim a Educomunicação, um termo polissêmico que carrega sentidos diversos e designa um campo de intervenção social na interface entre comunicação e educação (SOARES, 2014, p.16). Esta é a compreensão que moveram as reflexões e nortearam todo o processo de execução do projeto de extensão Prevenção e Saúde.

Além deste entendimento sobre a relevância para a educação no espaço escolar, o conceito sistematizado a partir deste campo é igualmente relevante para refletir ações de maneira integrada entre educação e comunicação: ecossistemas comunicativos. Para Citelli (2011, 2011, p.62) a “comunicação só ganha completude quando os campos de sentidos colocados em circulação social são apreendidos, tornando possível aos agentes implicados construir fluxos de mensagens”. É neste

contexto que os diversos espaços formativos, sejam eles formais e não formais, criam mecanismos, suportes ou experiências educativas e comunicativas (educomunicativas) capazes de mobilizar os sujeitos ali inseridos numa experiência significativa de aprendizagem e produção de sentido.

Assim, a parceria Agência de Notícias Multiciência e TV Cemascria, a partir da produção de conteúdo comunicativo, um contexto formativo para os sujeitos envolvidos no projeto, e para aqueles que são os interlocutores do conteúdo, já que suas vozes aparecem quando num primeiro momento do projeto é importante que haja uma sondagem, através de pesquisa, sobre os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema Covid-19/Coronavírus. Importante ressaltar que dados e reflexões sobre a pesquisa estarão detalhadamente descritos na seção seguinte.

2.2 O jornalismo científico: a produção de um conteúdo especializado

A produção de conhecimento científico no Brasil enfrenta um dos dilemas relacionados à difusão das pesquisas realizadas em todas as áreas da ciência, desde as ciências naturais, exatas e, principalmente, nas ciências humanas como a educação. Nem tudo que é produzido nos centros de pesquisa e nas universidades é popularizado para a comunidade. Assim como, existem distintas formas de fazer circular as informações sobre ciência, tecnologia e inovação, seja por meio da comunicação científica, divulgação científica e jornalismo científico. Essa distinção é importante para que possamos trazer a noção de ciência para perto do público da rede de educação básica.

Os cientistas procuram divulgar os resultados de pesquisa para públicos especializados a partir do que denominamos como comunicação científica, por meio de um discurso especializado e um público específico, por meio de publicação de artigos, conferências, entre outras. Como afirma Wilson Bueno (2014, p 6), o acesso a essa forma de difusão de informações se refere a “um discurso que inclui conceitos e processos cujo domínio ou conhecimento está limitado a um número reduzido de iniciados”.

Já a divulgação científica pode ser compreendida como a veiculação de informação científica para os sujeitos implicados na ação tais como professores, alunos/alunas, pais, cidadão comum. A noção de divulgação científica é entendida como o ato ou ação de divulgar; difundir, publicar, dar-se a conhecer, tendo como público a pessoa não especializada. A linguagem é submetida a um processo de recodificação, pressupondo a “transposição de uma linguagem especializada para outra não especializada, de modo a tornar as informações acessíveis a uma ampla audiência” (BUENO, 2014, p6), seja por meio de veículos de comunicação de massa, livros, cartilhas, cinema, vídeos, exposições, peças de teatro e o cordel.

O jornalismo científico se destina também ao cidadão comum, mas tem a especificidade de obedecer a singularidade do campo jornalístico, seja na coleta de dados, na seleção da informação e edição do produto final. Caracteriza-se por ter uma linguagem acessível, transmitida tradicionalmente nos meios de comunicação de massa (radio, televisão, jornal) e, atualmente, a partir da mediação das novas tecnologias de comunicação comosites, blogs, redes sociais (facebook, instagram,whatsapp, fóruns, grupos de discussão). O jornalismo científico requer a mediação do jornalista, mas pesquisadores e jovens amadores da ciência também têm se utilizado desta modalidade. É só lembramos de importante personalidades que desenvolvem o papel de divulgadores da ciência como o astrofísico Marcelo Gleizer, o oncologista Dráuzio Varella e, recentemente o biólogoÁtilaIamarino, que teve importância significativa para divulgar informações sobre a Covid-19.

Entendemos que, apesar das distinções conceituais, tanto pesquisadores, jornalistas, professores podem exercer a atividade de divulgadores da ciência, desde que estejam comprometidos com a difusão de conhecimentos que possam ser úteis ao cidadão comum, a fim de que possa adquirir, cada vez mais, autogovernança, autonomia, senso crítico para tomar decisões em momentos decisivos. No momento atual de ameaça à saúde pública, ter acesso à informação é imprescindível se desejamos ter uma comunicação cidadã e com respeito aos princípios da educomunicação.

Acrescentamos ainda a relevância de discutir os princípios da alfabetização científica. Existe no país um percentual significativo de cidadãos/brasileiros que ainda não dominam as habilidades de compreensão da língua e a interpretação de dados sobre a realidade. Além disso, estamos sob a ameaça da circulação de informações falsas (fake News) – em volume crescente e massivo pelas redes sociais e canais como whatsapp – sobre noções de ciência, cidadania, política, saúde, direitos sociais e trabalhistas, entre outros. Por isso, precisamos avançar no conceito de alfabetização para ir além da compreensão mínima de habilidade de leitura e escritura que um indivíduo deve ter para participar tanto da comunicação escrita como da cultura digital, a qual estamos inseridos com constantes interações nas redes sociais e canais digitais.

Diante deste cenário, precisamos enfrentar o desafio de incentivar a alfabetização científica para que as pessoas desenvolvam o nível mínimo de compreensão em ciência e tecnologia para poderem participar como cidadãos ou consumidores na sociedade tecnológica (SABATTINI, 2004). Contudo, mais do que aprender as noções de ciência, vocabulário básico de conceitos, a perspectiva é sensibilizar educadores e jovens para adotar uma cultura científica na qual os conhecimentos sejam compartilhados no cotidiano, produzam mudanças de atitude e de percepção sobre o conhecimento científico. Crianças, jovens e adultos devem entender a ciência como algo interessante, estimulante e que desperte a criatividade, no sentido de compreenderem fenômenos, adquiram habilidades e confiança para poder discriminar também temas relevantes (SABATTINI, 2004).

Assim, precisamos produzir conhecimento contextualizado na área de jornalismo científico, a fim de que possamos criar uma cultura de ciência ou de jovens amadores da ciência no ambiente escolar. Uma produção de ciência que valorize as experiências, descobertas, os aprendizados dos sujeitos no espaço a que pertencem e estão implicados. Nesse contexto, trabalhamos o conceito de popularização da ciência compreendido como um processo de transposição das ideias contidas em textos científicos para os meios de comunicação como a TV Cemas e Agência de Notícias MultiCiência.

Utilizamos os processos e técnicas do jornalismo científico para dar sentido ao conceito de popularização da ciência compreendido como uma “ação cultural que, referenciada na dimensão reflexiva da comunicação e no diálogo entre diferentes, pauta suas ações respeitando a vida cotidiana e o universo simbólico” (HUERGO, 2001 apud GERMANO; WOJCIECH, 2007, p14).

É imprescindível que o conhecimento seja assimilado como ação cultural para que haja mudanças no cotidiano, valorizando as experiências dos sujeitos, a diversidade étnica, a pluralidade cultural das práticas pedagógicas relacionadas ao contexto local e problematizando as desigualdades sociais, pois estas determinam também o acesso às informações científicas.

3 Prevenção e Saúde: adentrando no projeto

3.1 Conhecendo o Colégio Misael Aguilar Silva e a TV CEMAS

O Colégio Misael Aguilar Silva tem atualmente 440 estudantes matriculados na modalidades de ensino fundamental II e médio. Está situado na região periférica da cidade de Juazeiro, no bairro Dom José Rodrigues e atende crianças e jovens de bairros vizinhos, tais como: Pedro Raimundo, Malhada da Areia, Morrão e os conjuntos habitacionais, Mairi, São Francisco e Drº Humberto. Importante salientar que estas são localidades com infraestrutura precária (saneamento básico, acesso a água, transporte público) e pouco acesso aos bens e atividades culturais ou lazer. Desta maneira, os estudantes têm na escola a confiança de um espaço de referência não apenas com para o desenvolvimento de seus estudos e de suas capacidades, mas também um local legítimo de informação e promoção de cultura e lazer.

O grupo de docentes, incluindo a gestora da escola, Michelle Laudílio colocou em prática, desde 27 de março deste ano (poucos dias após as recomendações sanitárias estaduais e municipais de isolamento social), o projeto TV CEMAS, uma TV ancorada no Youtube²⁶ voltada para todo o público que compõe a comunidade escolar, além dos familiares dos estudantes. Com uma atividade ainda embrionária a TV Cemas contava naquele momento com quatro programas: *Traça de livro* (sobre literatura e com dicas de livros); *Arte faz parte* (sobre artes e com aulas curtas sobre técnicas de artes plásticas); *Tô de rango* (sobre nutrição e produção de alimentos); *Você Sabe?* (vídeo-aulas de matemática) Atualmente, a programação foi ampliada e além dos programas citados a TV tem mais quatro programas: *Tele Pipoca*; *Série Profissões*; *Cemas Cultural*; *Se liga na dica*, este último com conteúdo de gramática produzido com animação gráfica apresentado por uma estudante.

3.2 Conhecendo a Agência de Notícia Multiciência

Criada em abril de 2005, a Agência de Notícias Multiciência é um projeto de extensão que dissemina informações jornalísticas distribuídas nos gêneros informativo, opinativo e interpretativo. Entende-se por gênero os eventos textuais dinâmicos, flexíveis que aparecem junto às atividades socioculturais e inovações tecnológicas, motivo pelo qual se atribui a grande variedade de gêneros tanto na oralidade quanto na escrita.

A agência tem a ação de viabilizar o fluxo de informação para os meios e agendar temáticas que não são, comumente, abordadas nos meios impresso, radiofônico e televisivo. Sendo assim, é especializada em informar, elaborar e distribuir regularmente um noticiário geral ou especializado.

O Multiciência também aborda os fatos em notícias curtas, preferencialmente explicativas e didáticas, para que a compreensão seja imediata. São priorizados ainda títulos que possam remeter a compreensão do que é notícia e facilitar o acesso ao blog em pesquisas. Dentre as editorias trabalhadas pela agência podemos relacionar Ciência; Comunicação; Cultura; Educação; Opinião, com colunas como Do Texto ao Texto (Letras e Sons), assinada por Emanuel Andrade para se referir a música e artes; e Polifonia, pelas professoras Edilane Teles e Adriana Campana, com ênfase em educação no contexto da Covid-19. Nas editorias, são publicadas reportagens especiais, ensaios fotográficos e temas divulgação de produção científica, literatura, sociedade e tecnologia. A agência disponibiliza as informações no blog <https://multicienciaonline.blogspot.com/>, no facebook e instagram @multiciencia.

²⁶O canal está disponível em https://www.youtube.com/channel/UCNGYPhLsVnNjfZ_YJX8YkMw

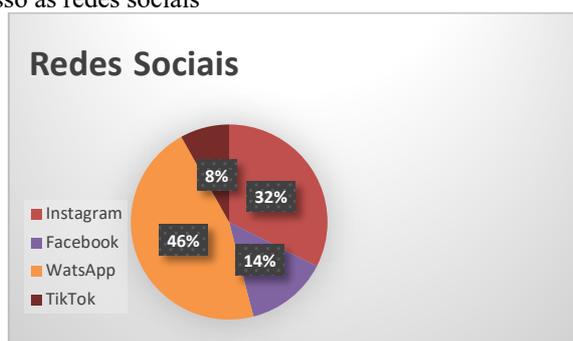
A partir dessa experiência já consolidada e banco de fontes especializadas foi possível pensar e executar as produções dos vídeos contextualizando linguagem e recursos visuais com as temáticas o espaço de veiculação.

3.3 Conhecendo nossos interlocutores e os programas veiculados

A produção do projeto com base na pesquisa e apuração jornalística iniciaram em junho, com levantamento das informações atualizadas sobre prevenção a infecção viral do coronavírus e o avanço da COVID-19. Outro passo foi o levantamento de informações com estudantes do colégio sobre o que eles já sabiam sobre a pandemia e o que mais interessava saber sobre a doença, prevenção, pandemia e duas consequências sociais e culturais. Para tanto foi distribuído um questionário eletrônico que obteve 44 respostas, correspondendo uma amostra de 10% dos estudantes matriculados. Através desta coleta de dados, foi possível constatar as temáticas dos programas a serem produzidos e sondar a situação dos estudantes.

Sobre acesso e uso da internet, os dados mostraram que a maioria desses estudantes acessam à internet de suas casas, através da rede wifi; o acesso é via celular smartphone, uma porcentagem ínfima apontou o acesso por computadores (desktop ou notebooks); a rede social mais acessada entre eles é o whatsapp, através do qual acessam vídeos, áudios e demais conteúdos.

Grafico1: acesso as redes sociais



Fonte: Santos, Almeida (2020)

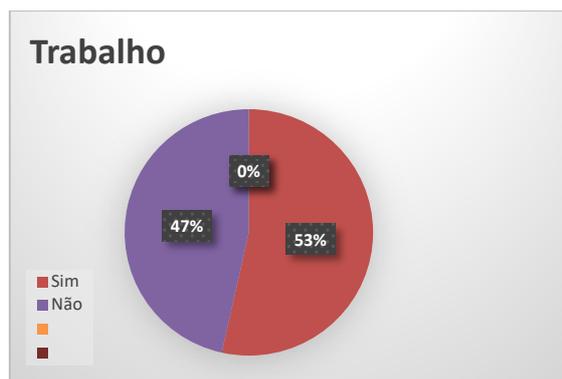
Grafico2: equipamentos para acesso



Fonte: Santos, Almeida (2020)

Sobre o impacto da pandemia na rotina: as crianças e adolescentes apontaram que pelo menos um dos pais (pai ou mãe) perderam sua fonte de renda no período. Indicaram também a falta da escola na rotina diária; e que usam o tempo livre para uso das redes sociais como entretenimento (64%), acompanhar o conteúdo da TV CEMAS e participar dos grupos da sala de aula (26%), estudando através de cursos online (10%). Deixar de frequentar a escola foi o quesito mais apontado como impacto negativo.

Gráfico 3: situação socioeconômica dos pais acesso



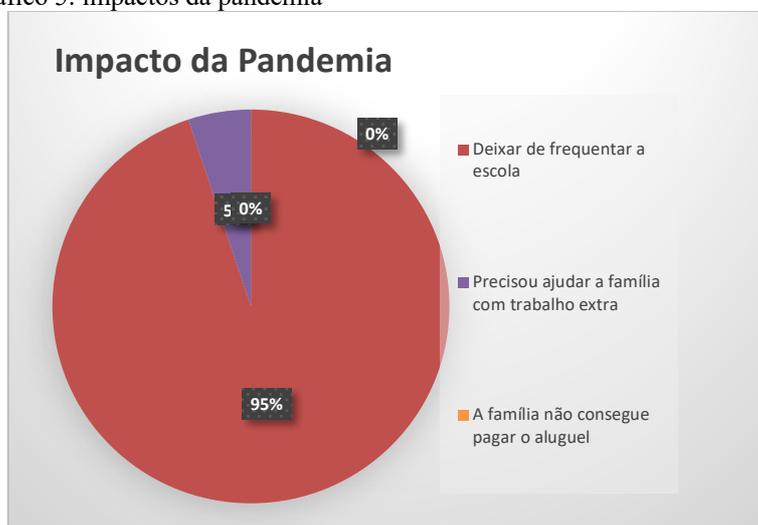
Fonte: Santos, Almeida (2020)

Gráfico 4: uso do tempo livre pelo público escolar



Fonte: Santos, Almeida (2020)

Gráfico 5: impactos da pandemia



Fonte: Santos, Almeida (2020)

Outras informações foram obtidas por meio da questão aberta sobre o que essas crianças e jovens ainda precisavam saber sobre a pandemia do novo Coronavírus e a doença COVID-19. As questões que apareceram foram sobre duração da pandemia. Para ilustrar melhor a visualização, organizamos as perguntas na tabela abaixo:

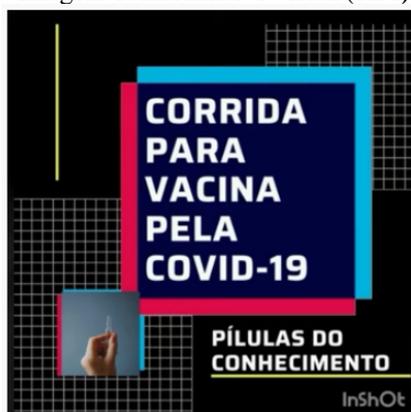
Tabela 1: informações coletadas com a comunidade escolar

VACINA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Queria saber por que ainda não foi feita a cura ou a vacina para combatê-lo? 2. Se já estão fazendo a vacina do coronavírus. 3. Realmente já estão fazendo a vacina aqui no Brasil? 4. Quando terá vacina?
CONTÁGIO	<ol style="list-style-type: none"> 1. Eu não entendo a rapidez da doença e a ligeireza que mata. 2. Como é transmitido o vírus do covid-19? 3. Quais são os riscos que o coronavírus pode nos fazer se a gente não se cuidar? Como fazer pra ele não se espalhar tão rápido pra não prejudicar outras pessoas? 4. É possível ser contaminado novamente, e se vamos conviver com esse vírus assim como a gripe?
IMPACTOS DA PANDEMIA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como vai ficar o retorno das aulas, como vai ficar o ano letivo de 2020 por conta da Covid -19? Vamos ser reprovados? 2. Como os cidadãos de Juazeiro estão agindo diante da pandemia? 3. Já está mais perto de acabar com isso?

Fonte: Santos, Almeida (2020)

Após o levantamento das informações com o público interlocutor, a fase seguinte foi localizar as fontes junto a Agência Multiciência, pesquisadores, professores, profissionais de saúde implicados com o bairro. A sistemática inicial era produzir materiais gráficos para compor o vídeo (gravado pelo entrevistado por celular). Os primeiros programas foram sobre vacina e uso de máscara em dois programas, pois havia a necessidade de sensibilizar os jovens sobre este novo acessório no cotidiano das pessoas. A produção dos programas, reportagem e design gráfico dos informativos visuais (cards) foi de responsabilidade da estudante de Jornalismo em Multimeios e monitora Kassia Emanuela Varjão, roteiro de Manuela Pereira, edição de texto de Andréa Cristiana Santos e Manuela Pereira, edição de vídeo de João Paulo Bispo e a vinheta foi realizada por Moésio Belfort. A disponibilização das informações no instagram @multiciencia como cards e vídeos teve a colaboração da estudante de Jornalismo, Mariana Brasileiro.

Imagem 1: Informativo visual (card)



Fonte: Emanuela Varjão (2020)

Imagem 2: Vinheta do programa



Fonte: MoésioBelfort (2020)

Nas produções seguintes tratamos dos temas: Meio ambiente e Coronavírus e Alimentação, ambos com entrevista de fontes especializadas (Biólogo e Nutricionista). O objetivo foi relacionar a pandemia com o ecossistema em sua completude, e tratar alimentação como o primeiro passo para prevenção de doenças.

Imagem 3: vídeo sobre vírus e meio ambiente



Fonte: **Biólogo Adailson Feitoza em laboratório.**

Como já foi pontuado, os programas seguiram um roteiro construído a partir do levantamento de informações junto aos estudantes, porém é importante destacar que se tratando de uma experiência educacional, na qual estávamos em constante diálogo com a comunidade escolar e alguns estudantes, foi interessante receber também produções dos próprios estudantes e que foram veiculados no conjunto de vídeos do projeto: cuidado com o coronavírus; importância do isolamento social; dicas sobre como preencher o tempo livre sem aula. Neste sentido, a presença dos estudantes nos vídeos tratando dos temas foi uma maneira de envolver a comunidade escolar e externa no projeto e com os temas trabalhados.

Outro exemplo desta estratégia foi a entrevista com a Agente de Saúde do bairro, Cláudia Cavalcante que falou sobre o uso das máscaras, esta aproximação foi importante para proporcionar este reconhecimento da comunidade escolar nos vídeos e assim não se sentir tanto o afastamento da escola, pois a maioria destacou a falta que a escola faz em todos os aspectos, sobretudo a socialização e a aprendizagem,

No contexto da pandemia da Covid-19, os impactos do novo coronavírus atingem sobremaneira a rede pública de educação, com a consequente interrupção das aulas presenciais, e evidencia as desigualdades sociais inerentes aos povos do Sul, como conceitua

Boaventura de Souza (2020). Para o sociólogo é importante considerar o impacto social da doença, a “terrível pedagogia do vírus”, no sentido de problematizar o fenômeno social e o discurso a respeito das permanentes crises que procuram explicar a diminuição e a garantia de políticas sociais – na área de saúde, educação, trabalho, previdência social – atingindo a população pobre, mulheres e trabalhadores. Daí a importância de uma prática de jornalismo científico que possa difundir e popularizar informações científicas para a prevenção à saúde, ainda mais no contexto de proliferação de notícias falsas e desinformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na produção das pautas, trabalhamos com a perspectiva de que o jornalismo científico colabora para tornar a ciência acessível através de um processo de educomunicação, promovendo a cidadania, divulgando conteúdos relevantes para o cotidiano da comunidade escolar (professores, pais, alunos) e ajudando a promover o protagonismo. A popularização das ciências e a inserção das mídias no meio escolar contribuem tanto para a formação como para a “construção de cidadãos críticos, conscientes e protagonistas de seus papéis na sociedade” (FAÇANHA, ALVES, 2017, p.44).

Por fim, destacamos que a experiência da produção de jornalismo científico desenvolvida junto pela Agência MultiCiência e TV Cemas exercita o que “Enfoque Ampliado em Jornalismo Científico”, como denomina Carlos Henrique Fioravanti (2013), no qual valorizamos uma informação científica que busca uma linguagem acessível, não ter muitas certezas no sentido de sempre ter um resultado esperado e resolutivo da experiência científica; dar sentido aos pequenos detalhes, experiências, tentativas de pesquisadores anônimos ou pessoas normalmente esquecidas. A prática do jornalismo científico não deve buscar apenas os resultados positivos da divulgação de inovação na ciência e na tecnologia, mas difundir personagens, histórias e esclarecimentos sobre aspectos da ciência no cotidiano. “O jornalista não é mais um intermediário, apenas transmitindo informação, como um carteiro ou um porta-voz dos cientistas, mas um mediador, refletindo com independência sobre a informação e suas consequências” (FIORAVANTI, 2013, p.325).

No Enfoque Ampliado, o cientista não apenas fornece a informação, mas ajuda a conferir junto com o jornalista. O público também auxilia a pensar a pauta, planejar as ações e editar o conteúdo. “À medida que o diálogo se torna possível e o jornalista não está mais sozinho para planejar o trabalho, a reportagem será feita com, não mais para ou sobre, um cientista” (FIORAVANTI, 2013, p.325).

Em tempos de pandemia da Covid-19, isso se tornou essencial, pois a prática do jornalismo científico foi feita em colaboração e em rede junto aos pesquisadores e o público escolar. Fez-se um diálogo educomunicativo com a finalidade de divulgar a ciência, popularizar conhecimento, combater a desinformação e ajudar a formar alunos e alunas interessados em ciência.

Esse diálogo se iniciou principalmente pelo acesso às fontes especializadas que disponibilizaram os conteúdos a partir da produção da pauta que atendeu os critérios de noticiabilidade que se norteiam pela relevância do acontecimento, a função social e o interesse público. A produção também se norteou pelo critério de notícias importantes, como sendo as que se opõem às interessantes, porque são raras, de interesse público, geram consequências e provocam novos fatos (GOMIS, 1993). Neste sentido, a seleção das pautas se guiou pelo formulário aplicado ao público alvo, que permitiu identificar temas, e pelo critério de importância, como tudo aquilo que traria impacto e consequências. Na produção dos informes visuais (cards) para instagram, buscamos também valorizar a linguagem

acessível para promover tanto a informação como o entretenimento, despertando a curiosidade para conhecer os temas.

A produção de conteúdo teve como perspectiva a prática do jornalismo cidadão, crítico, participativo e comprometido com a informação contextualizada, com base na singularidade da informação e sua dimensão particular (GENRO FILHO, 1989). Além do exercício da prática de jornalismo científico, a pandemia exigiu o movimento de produzir conteúdo e conhecimento na perspectiva da educomunicação, o qual se estendeu às possibilidades de uso das tecnologias e suas mediações por meio das redes sociais, com a finalidade de interagir com o público escolar e comunidade externa. Consideramos, por fim, que o projeto atendeu o objetivo proposto de disseminar informações relevantes no contexto da prevenção à saúde, aproximando os saberes produzidos pela universidade em parceria com a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Wilson. Divulgação da Produção Científica no Brasil: A Visibilidade da Pesquisa nos Portais das Universidades Brasileiras. In: **Revista Ação Midiática**. Ed. 07, Jan-Jun/2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36340/22901>. Acesso em 20 de setembro de 2020
- CITELLI, A. **Comunicação e Educação: implicações contemporâneas**. In: **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. CITELLI, A. COSTA, M. C. C. (orgs). São Paulo. Ed Paulinas, 2011. cap. 5, p. 59-76.
- EPSTEIN, Isaac. **Divulgação Científica: 96 Verbetes**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- FAÇANHA, Alessandro Augusto Barros; ALVES, Flavia Chini. Popularização das ciências e jornalismo científico: possibilidades de alfabetização científica. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**. [S.I]. V.13, n 26,. Jul. 2017, p 41-55. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/4283>. Acesso em 2 de outubro de 2020
- FIORAVANTI, Carlos Henrique. Um enfoque mais amplo para o Jornalismo Científico. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 315-332, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442013000200015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 30 Set. 2020.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre. Ortiz. 1989.
- GERMANO, Marcelo; KULESZA, Wojciech. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. In: **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**. V. 24 n 1, abr 2007, p 7-25. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/1546>. Acesso em 20 de maio de 2020.
- GOMIS, Lorenzo. Do importante ao interessante: ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. In: **Revista Pauta Geral**(4), Salvador: Calandra. 1993. p.225-242.
- SABBATINI, M. Alfabetização e Cultura Científica: conceitos convergentes? **Revista Digital: Ciência e Comunicação**, v. 1, n. 1, nov. 2004. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/revista/01/artigos/artigo5.asp>. Acesso em 20 de abril de 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020
- SOARES, I. A educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. In: **Educomunicação: para além do 2.0**. APARICI. R. (org). Trad. Luciano Menezes Reis. São Paulo: Ed Paulinas, 2014. p. 7-28.

SOARES,

I. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Ed Paulinas, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

A Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) de Juazeiro (BA) em face ao Covid-19: atividades virtuais e conservação dos laços sociais

*Iva Lima
Waltenice de Carvalho*

Resumo

Numa perspectiva de manter as atividades de extensão com a turma da Universidade aberta à Terceira Idade - UATI do campus III da Universidade do estado da Bahia - UNEB, durante a pandemia que assolou o mundo, a partir da disseminação do Covid-19, optou-se por escolher o aplicativo Whatsapp, como forma também de manterem-se conectados virtualmente com seus colegas de sala, além de seus familiares. Buscando-se desenvolver ações voltadas ao exercício físico, cognitivo e social com os idosos participantes, quando das partilhas de atividades e links com artesanato, exercícios físicos, palestras, jogos e brincadeiras com uso do raciocínio lógico, percebemos a importância da continuidade das ações e do incentivo às suas participações no uso do aplicativo para que pudessem permanecer de forma ativa junto aos professores e colegas, enquanto continuava a fortalecer seus laços afetivos e sociais, além de estarem desenvolvendo ações intelectuais e motoras que contribuíssem com seu bem estar.

Palavras-chave: Idosos; Whatsapp; Atividades remotas.

The Open University for the Elderly (UATI) of Juazeiro (BA) in face of Covid-19: virtual activities and conservation of social ties

Summary

With a view to maintaining extension activities with the University class open to the Third Age - UATI on campus III of the State University of Bahia - UNEB, during the pandemic that devastated the world, from the dissemination of Covid-19, if you choose the Whatsapp app, as a way to stay connected virtually with your classmates, in addition to your family members. Seeking to develop actions aimed at physical, cognitive and social exercise with the elderly participants, when sharing activities and links with crafts, physical exercises,

lectures, games and games with the use of logical reasoning, we realize the importance of the continuity of actions and encouraging their participation in the use of the application so that they could remain actively with teachers and colleagues, while continuing to strengthen their affective and social ties, in addition to developing intellectual and motor actions that contribute to their well-being.

Keywords: Elderly; Whatsapp; Remote activities.

La Universidad Abierta para Mayores (UATI) de Juazeiro (BA) ante el Covid-19: actividades virtuales y conservación de los lazos sociales

Resumen

Con miras a mantener las actividades de extensión con la clase Universitaria abierta a la Tercera Edad - UATI en el campus III de la Universidad Estatal de Bahía - UNEB, durante la pandemia que asoló el mundo, a partir de la difusión del Covid-19, si eliges la aplicación Whatsapp, como una forma de mantenerte conectado virtualmente con tus compañeros de clase, además de los miembros de tu familia. Buscando desarrollar acciones dirigidas al ejercicio físico, cognitivo y social con los mayores participantes, al compartir actividades y vínculos con manualidades, ejercicios físicos, charlas, juegos y juegos con el uso del razonamiento lógico, nos damos cuenta de la importancia de la continuidad de las acciones y fomentando su participación en el uso de la aplicación para que puedan permanecer activamente con los profesores y compañeros, mientras continúan fortaleciendo sus lazos afectivos y sociales, además de desarrollar acciones intelectuales y motoras que contribuyan a su bienestar.

Keywords: Anciano; Whatsapp; Actividades remotas.

Introdução

O presente trabalho apresenta observações iniciais relacionadas às atividades realizadas de forma remota com os participantes da UATI - Universidade Aberta à Terceira Idade, no Campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Juazeiro-BA. Os participantes da UATI, não podendo mais frequentar as aulas presenciais, por motivo do advento da Covid-19 na cidade, passaram a interagir e dialogar com os colegas e professores através do aplicativo *Whatsapp*. Nesse contexto, resolvemos organizar algumas ações com os participantes da UATI, via aplicativo, buscando dar continuidade aos propósitos do programa e assegurar suas participações, mesmo que de forma virtual, nas ações propostas pelo próprio programa. Nessa via, foram propostas atividades ligadas ao artesanato, jogos online, envio de links para acesso à palestras sobre saúde, exercícios físicos e cerebrais apresentados pelos professores do campus III, por outros campus da Uneb e outras universidades, dirigidos especificamente a esta população. Assim, relataremos as ações e alguns resultados das participações dos idosos, como uma pequena amostra da experiência.

O uso dos aplicativos e os idosos participantes

No momento atual, junto à experiência apresentada e à escrita deste texto, o país e todo o mundo vivencia a pandemia, causada pelo Coronavírus ou *Covid-19*, um vírus letal, especialmente para a população mais idosa e outros indivíduos com comorbidades, colocando-nos em estado de isolamento social físico. É nítido, e em todos os ramos da sociedade, o uso intensivo de uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC), com utilizações de diferentes aplicativos e plataformas para o incentivo à continuidade das suas participações nas redes sociais de forma virtual (*Teams, Zoom, Meet, Whatsapp, Instagram, Telegram*, entre muitos outros).

O aplicativo *Whatsapp*, já muito colocado por muitos estudiosos e mesmo os mais leigos como bastante efetivo na comunicação neste período de distanciamento social físico e único meio, para uma grande quantidade da população (geralmente os menos abastecidos), não apenas como instrumento de comunicação, mas também na realização de outras atividades,

como as ligadas à educação, o acesso à informações gerais, saúde, bancos, instituições, comércios, ao entretenimento, dentre outras maneiras de utilização individual ou coletiva.

Para os idosos da UATI no campus III (Juazeiro-BA), não é diferente. Além de utilizarem-se nas formas que já foram expostas no parágrafo anterior, também utilizam os links enviados por seus pares e professores para acessarem outras páginas, o que os levam a utilizarem esse aplicativo cada vez mais com maestria (por ser também o aplicativo que já utilizavam para se comunicarem antes da pandemia e por constituir-se em uma forma atual de maior contato com a família e amigos, agora mais distantes fisicamente). Assim, nas ações e atividades propostas para esta população específica, busca-se a singularidade em manter o olhar para esse público, fazendo valer os princípios do estatuto do idoso, quando do direito à saúde, educação, cultura, com o máximo de respeito e dignidade. Vale salientar que, devido às suas dificuldades de acesso a outros aplicativos, não só pela falta de outros equipamentos, mas também por um nível de letramento digital em desenvolvimento, ainda incipiente para uma plataforma mais complexa e que exijam maior tempo de apropriação por parte deste público, em que se apresenta maiores dificuldades físicas e cognitivas devido à idade avançada, optamos pela continuidade no uso desse aplicativo, com o fim de permanecerem em suas atividades já cotidianas de contato com os colegas e professores.

Nessa perspectiva, iniciamos a organização de atividades online, no aspecto remoto, através do envio semanal de propostas variadas, com o fim de dinamizar e estimular a participação dos idosos participantes. Foram utilizadas video-aulas para atividades com artesanatos; imagens e mensagens para apresentação de jogos lógicos. No caso de jogos e desafios lógicos, foram escolhidos aqueles que seriam de jogos de memória como a busca pelos estados brasileiros, lembrar-se de filmes ou novelas brasileiras, encontro de respostas para jogos de raciocínio lógico de matemática, busca de formação de palavras, dentre vários.

Algumas brincadeiras para o exercício mental e de raciocínio lógico foram apresentadas de forma aleatória, ou seja, não necessariamente tinham vinculação com a idade, nível de escolaridade ou mesmo de competência cognitiva. Na UATI temos 20 participantes ativos de idades que variam entre 60 e 90 anos, e com as mais variadas capacidades físicas, cognitivas

e psicológicas, não havendo discriminação ou qualquer empecilho para as suas participações no grupo. Assim, os idosos são incentivados a participar das atividades como lhes convier, sem cobranças de tempo, retorno ou mesmo de efetivação total das experiências propostas.

As atividades referentes aos movimentos do corpo (exercícios físicos) e à mente (jogos e brincadeiras *online*, além de outras atividades desenvolvidas para exercitar a memória), foram também disponibilizadas por meio de páginas para o acesso no citado aplicativo pelos professores e coordenação da UATI, produzidos em projetos de extensão de outros departamentos da UNEB e pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e, gentilmente compartilhado, a fim de que o maior número possível de idosos(as) tivessem acesso e pudessem praticar os exercícios propostas, com o intuito da permanência de sua saúde física e psicológica.

Muitos não possuem *notebooks*, *desktops* ou *tablets*, os quais poderiam talvez facilitar a sua acessibilidade no fator de melhor viabilidade e visibilidade das interfaces outras a serem utilizadas. Ainda não sabemos se a falta desses equipamentos poderiam facilitar ou não a funcionalidade de alguns processos para a melhor visibilidade das atividades, facilidades de pesquisa, acesso à outros aplicativos, dentre outras ações. Dessa forma, a nossa opção da continuidade pelo *whatsapp* via celular. Essa continuidade fez-se necessária também para uma melhor comunicação, de forma individualizada, entre a coordenação e os participantes do programa, utilizando o número privado, além do que, com o aumento do fluxo de informações, vídeos e imagens diversas, as informações relativas às atividades, por exemplo, acabavam se perdendo, um fator que até pode justificar a demora no retorno das mesmas.

Resultados e Conclusão

Relativamente ao quantitativo de retornos dos participantes nas atividades propostas, não tivemos como mensurar, principalmente nesses momentos iniciais. Optamos então por fazer aqui uma amostragem qualitativamente simples, por conta da falta de um *feedback* mais apurado, já que os idosos, mesmo que acessem e participem das atividades, nem sempre retornam com a demonstração das atividades realizadas por eles, como apresentado numa das

falas quando perguntamos sobre a efetivação da atividade: “Eu também acertei todas, não postei porque as colegas já tinham concluído todas”. Neste momento incentivamos a participar, mesmo que outras pessoas já tivessem acertado ou concluindo, pois o importante seria a participação destes, assim, obtemos o seguinte retorno: “Vdd! Gosto muito de participar mesmo errando 99%” (vários emojis sorrindo logo após a fala). No entanto, alguns demoram a responder, outros não veem necessidade de responder, além de outros que ficam sem acesso ao grupo por um longo período de tempo.

Em uma das brincadeiras, muitas de raciocínio lógico, memória ou visual, foi sugerido um exercício visual e mental em que deveria encontrar uma determinada letra entre tantas outras parecidas. Ao encontrar a letra deram o *feedback* no grupo do aplicativo: “A letra S. A letra s está na 6 linha”. Logo após sugerimos também que eles indicassem como fizeram para conseguir encontrar as respostas corretas. O intuito era saber como eles percebiam as estratégias utilizadas no jogo (apresentado abaixo em imagem).

Figura 5 - Jogo de celular



Fonte: Google/Imagens.

Nesse intuito, perguntamos: “Agora queria saber o que te ajudou a encontrar a letra. Qual estratégia (maneira, ideia) você usou para poder encontrar a letra S?” Como resposta, obtive as seguintes expressões:

P2: “Estratégia simples assim. Olhar a carreira do início ao fim. Fila por fila.”

P3: “Segui as carreiras do princípio ao fim foi rápido.”

Dessa maneira, através de uma mediação nas atividades e aprendizagens, pudemos começar a conhecer as formas de fazer e observar as variadas maneiras utilizadas pelos idosos quando das suas ações e percepções. Como é possível observar, o retorno foi bastante escasso, entretanto, as participações em outras brincadeiras apresentaram-se de maneira muito mais efetivas, quando da apresentação das respostas corretas ou o gosto pelas mesmas:

- 1) “Amei os vídeos sobre meditação”; 2) “Achei as atividades excelentes”; 3) “Vou dar uma olhada”; 4) “Eu apenas assisti o vídeo da moça, ainda vou assistir as reflexões”.

Para uma das aulas de artesanato foi ministrada através de três vídeos, enviados em três semanas consecutivas. Esses vídeos compreenderam as etapas de construção de um projeto artesanal e utilitário de um porta treco ou porta ovos, no formato de uma galinha, desde a fase inicial (desenho), até a fase final (decoração - pintura) com a utilização da técnica de papietagem. Vale ressaltar que essa técnica foi escolhida pelas seguintes razões: 1) por se tratar de um trabalho com pouco grau de dificuldade, desenvolvido, basicamente, com colagem de papel; 2) pela utilização de materiais recicláveis (papel de revistas, cadernos e outros já utilizados, além de papelão); e 3) utilização de outros materiais de fácil acesso, à base de água, sem cheiro forte, a fim de não gerar nenhum tipo de problema de saúde ou desconforto para os idosos, como cola branca e tinta acrílica para artesanato ou de tecido.

Figuras 3 e 4 - Artesanato com papietagem



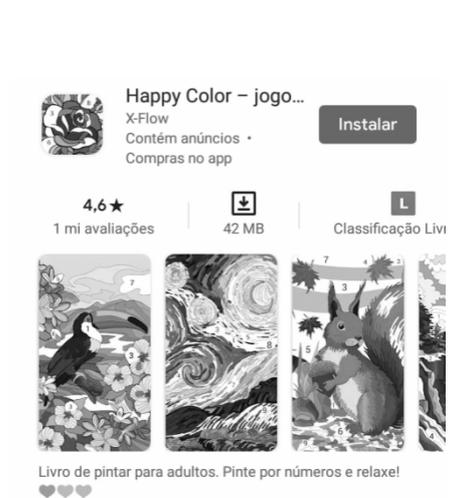
Fonte: Autoral.

Por variados motivos, nem todos os participantes aderiram à essa atividade. Outras atividades artesanais como confecção de flores com papéis também foram expostas pelos alunos, mas

não obtivemos retorno das confecções, talvez pelas diferentes dificuldades que apresentavam naquele momento. Muitos dos idosos estão sob os cuidados das suas famílias ou cuidando de netos, para que os filhos possam trabalhar, outros viajaram ou foram para um lar mais rural.

Para o uso do aplicativo para jogar o jogo de colorir a partir de uma forma enumerada, o *Happy Color* foi elaborado um pequeno tutorial (passo-a-passo), bastante simplificado de modo que os idosos pudessem acessar a página de download e os *links* parachegar às páginas dos desafios. A atividade de jogar/pintar os desenhos apresentou-se de forma bastante significativa para alguns participantes, que até o momento atual ainda tem feito atividades no referido jogo, mesmo após 7 meses de contato com este, como podemos ver na foto ao lado com a participante E.

Figura 1 - Idosa utilizando o aplicativo *Happy Color*. Figura 2 - Interface do aplicativo *Happy Color*



Fonte: <https://apps.apple.com/br/app/>

Imagem cedida pela participante E.

Para a participante E, perguntei do que mais gostava de pintar; “O que anima mais é as imagens de Flores e um lindo violão ou um lindo quarto bem aconchegante...”, respondeu.

Quando perguntamos sobre como andava a atividade de colorir, pois ela postava diariamente vários desenhos pintados e elogiávamos o seu empenho e capricho, a mesma respondeu: “Obrigada. Não preciso de outra atividade, essa completou tudo. É ótimo pra memória”.

Muitas outras atividades foram, até o momento, apreciadas pelos participantes, sejam nas atividades de exercícios físicos ou dança, sejam das brincadeiras que fazem a rememoração de experiências com filmes, novelas, músicas, provérbios, dentre outros, as de raciocínio lógico, dentre outras, dentro de suas limitações físicas e cognitivas, por conta da idade avançada ou distúrbios. A experiência relatada mostrou-nos a importância fundamental das atividades virtuais, especialmente neste momento de isolamento social físico.

Ainda vale salientar que os participantes, diariamente, via aplicativo além de participarem das atividades já mencionadas anteriormente, também enviam e recebem dos colegas e professores mensagens positivas e entusiasmadas para o bem estar físico e emocional, fundamental para o momento em que esta população corre maiores riscos de mortalidade.

Sentir-se acolhido pelos colegas e professores, com as mais variadas propostas para manterem-se ativos e focados no seu bem estar físico, cognitivo e emocional, através de palavras de cuidado, atenção e carinho, tem contribuído muito eficazmente para que os participantes obtenham momentos de lazer, de concentração e fluxos de aprendizados.

No entanto, percebemos também que as dificuldades de utilização deste e de outros aplicativos semelhantes por meio deste público em questão, ainda são bastante relevantes por serem ainda inacessíveis, devendo-se ser observadas com mais apuração e aprofundamento. O uso das tecnologias da informação e comunicação para o desenvolvimento de qualquer tipo de atividade com eficácia, principalmente para esta população, ainda constitui-se em um processo a ser mais estudado. Diante disso, a solidariedade e a paciência dos que coordenam e ministram oficinas para os idosos devem ser estimuladas e evidenciadas, a fim de que

nossas ações se tornem mais efetivas perante este público que necessita de um grau maior de acessibilidade devido às restrições motoras, cognitivas e psicológicas advindas da sua idade.

PROCESSOS CRIATIVOS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Lucas Bispo de Oliveira Santos,

André Luis Correia da Cruz,

Patrícia dos Santos Miranda

Resumo

Esse trabalho propõe uma reflexão das narrativas de três pesquisadores que relatam sobre os seus processos criativos no período do distanciamento social causado pela Covid-19. O objetivo foi perceber os processos de subjetividade que podem impactar a elaboração da pesquisa acadêmica no período da pandemia. De modo a identificar as práticas, as experiências e a construção do sujeito – pesquisador. Metodologicamente, é um estudo de abordagem qualitativa a partir da relação entre as entrevistas narrativas do método (auto)biográfico e o referencial teórico. Evidenciamos por meio desse estudo que a construção de uma subjetividade perpassa pela influência do meio social em um tempo de lutas e de incertezas no contexto político. Nos processos de investigação acadêmica, o sujeito-pesquisador é atravessado por uma subjetividade nas suas produções e se vê desafiado a utilizar de sua criatividade para o fazer científico. Os elementos que orientam as reflexões aqui desenvolvidas destacam-se: o reconhecimento de técnicas de resistência do sujeito, o ato de narrar como ponto de encontro da sua transformação e a produção de si e dos processos criativos.

Palavras - Chave: Processos Criativos. Pandemia. Entrevistas Narrativas. Sujeito. Subjetividade

CREATIVE PROCESSES IN ACADEMIC PRODUCTION IN PANDEMIC TIMES

Abstract

This work proposes a reflection on the narratives of three researchers who report on their creative processes in the period of social distance caused by Covid-19. The objective was to understand the processes of subjectivity that can impact the development of academic research during the pandemic period. In order to identify the practices, experiences and construction of the subject - researcher. Methodologically, it is a study with a qualitative approach based on the relationship between the narrative interviews of the (auto) biographical method and the theoretical framework. Through this study, we have evidenced that the construction of subjectivity goes through the influence of the social environment in a time of struggles and uncertainties in the political context. In academic research processes, the subject-researcher is subject to a subjectivity in his productions and is challenged to use his creativity to do scientific work. The elements that guide the reflections developed here stand out: the recognition of the subject's resistance techniques, the act of narrating as a meeting point for his transformation and the production of himself and the creative processes.

Keywords: Creative Processes. Pandemic. Narrative Interviews. Subject. Subjectivity

PROCESOS CREATIVOS EN LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Resumen

Este trabajo propone una reflexión sobre las narrativas de tres investigadores que informan sobre sus procesos creativos en el período de distanciamiento social provocado por Covid-19. El objetivo fue comprender los procesos de subjetividad que pueden impactar el desarrollo de la investigación académica durante el período pandémico. Con el fin de identificar las prácticas, vivencias y construcción del sujeto - investigador. Metodológicamente, es un estudio con enfoque cualitativo basado en la relación entre las entrevistas narrativas del método (auto) biográfico y el marco teórico. A través de este estudio, hemos evidenciado que la construcción de la subjetividad pasa por la influencia del entorno social en una época de luchas e incertidumbres en el contexto político. En los procesos de investigación académica, el sujeto-investigador está sujeto a una subjetividad en sus producciones y se le desafía a utilizar su creatividad para realizar un trabajo científico. Destacamos los elementos que orientan las reflexiones aquí desarrolladas: el reconocimiento de las técnicas de resistencia del sujeto, el acto de narrar como punto de encuentro para su transformación y la producción de sí mismo y los procesos creativos.

Palabras - clave: Procesos creativos. Pandemia. Entrevistas narrativas. Tema. Subjetividad

Notas Introdutórias

*Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço ontem.
Está rengo de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
Atrás do ocaso fervem os insetos.
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas.*

(Manoel de Barros, 1996)²⁷

A letra do poema de Manoel de Barros que usamos como epígrafe, têm a importância de revelar para nós, os sentimentos que o poder das palavras nos traz na contemporaneidade. Nos provoca a pensar em uma ciência mais sensível acionando nossos processos de subjetivação do mundo. É lembrar que “[...] o sujeito é ativo, atuante na

²⁷Trecho do poema “Os deslimites da palavra” escrito por Manoel de Barros em o “Livro sobre nada”, 1996. Disponível em: <https://recantodopoeta.com/os-deslimites-da-palavra/> , acesso em 28 ago 2020.

sociedade em que está inserido, um sujeito que age no mundo através do discurso, constituindo a realidade e a si mesmo no processo de interação dos indivíduos em um determinado espaço social” (MOREIRA E SILVEIRA, 2011, p.63).

Debater sobre as ressignificações que o ano de 2020 trouxe para cada um de nós e para toda a humanidade é trazer consigo a esperança de um amanhecer melhor. Isso porque a ação de um vírus o qual não o vemos e nem o tocamos tem nos despertado um sentimento que muitas vezes é inexpressivo do ponto de vista da subjetividade de cada um de nós.

E assim, toda a sociedade foi atingida, as ruas ficaram mais vazias, todos em um recolhimento para si ou para as telas. Tivemos que fechar as portas das escolas e universidades. Foi preciso que os professores e estudantes se adaptassem à nova maneira de viver e se relacionar socialmente. Surge então a necessidade de se reinventar, mudar, produzir novas formas discursivas e de provocar modos de subjetivação dos sujeitos.

Dentro desse contexto, é importante considerar que os processos criativos-formativos são de autoaprendizagem, pois perpassam a forma de lidar com a vida. Sobre essa questão, Nóvoa e Finger (2010, p. 116) afirmam que:

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’.

Nessa perspectiva, o método (auto)biográfico vai proporcionar aos narratários e aos narradores (re)pensar sobre o seu percurso de vida. Promovendo e evocando o (re)conhecimento dos itinerários formativos dos sujeitos-pesquisadores em tempos de pandemia. Essas narrativas contribuem também, para que possamos pensar as subjetividades contidas no seu fazer pedagógico e estabelecer relações com contextos e problemáticas mais amplas.

Além disso, nos propomos dentro do processo de análise das narrativas, ressignificar e reinterpretar os olhares que temos de nós mesmos e de nossa identidade enquanto pesquisadores, pondo em evidência emoções e razões as quais antes não tínhamos percebido. De acordo com Schütze (1992b, p.8 -9), por meio da:

[...] narração [...] de certas fases e episódios da vida [...], o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir emoldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E

reconhecendo, através da narração [...] como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância, para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento.

Assim, nas diferentes escalas da interpretação narrativa, as vidas vão se (re)construindo em espirais cada vez mais complexos, fechando tempos e abrindo novas perspectivas. Talvez esta prerrogativa nos permita olhar com uma melhor compreensão do significado do tempo em que estamos vivendo e as atividades que estamos realizando.

Sujeito e suas subjetividades

[...] Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer nossas subjetividades, que é a matéria que esse tempo que nós vivemos quer nos consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe uma ânsia por consumir nossa subjetividade (AILTON KRENAK, 2019, p. 32).

Krenaknos aponta que a contemporaneidade tem provocado efeitos no campo da subjetividade. Esses ocorrem por meio dos elementos culturais e sociais tais como: o uso intenso dos computadores, a globalização, a comunicação pelas redes digitais e virtuais. Megale e Teixeira (1998) indicam que estamos vivendo transformações nos referenciais tempo e espaço trazendo uma desterritorialização dos corpos e das relações entre sujeitos.

Na busca de entender esse sujeito, atravessado pelo contexto e pelo jogo de força que o compõe, traremos para essa discussão conceitos importantes como: subjetividade e modos de produção da subjetividade. Se faz necessário entender, que o sujeito não é um 'ente' cristalizado ou dotado de rigidez, a concepção que apresentaremos perpassa pela ruptura desse olhar previsível e já delineado do sujeito. Desse modo, Mansano (2009), pautada nos conceitos foucaultianos, pondera que o sujeito se constitui em um campo complexo de muitas forças que o atinge de diferentes maneiras. Esse sujeito se constitui no processo à medida que vai se relacionando e tecendo sua teia de experiências.

A experiência a qual nos ancoramos é tomada em seu sentido pela via mais profunda da palavra. Como bem nos convoca Larrosa (2002, p. 21) “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca. A cada dia se

passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Comungando com esse modo de pensar, Sitja e Reis (2009) nos trazem a importância de uma experiência que coloca o sujeito sob o constante risco e que fica exposto e não o deixa mobilizado.

Na medida que o sujeito experiencia e entra em contato com os acontecimentos, as forças que o circundam afetam o seu corpo. Isso vai gerar um movimento que desestabiliza o sujeito. Desse modo, a constituição do sujeito perpassa por uma processualidade, de um vir a ser e não um “ser em si” cristalizado ou definitivo. Essa composição movente do sujeito é permeada de aventuras, sem controle ou planejamento sobre o que irá emergir do contexto. Sendo ela uma composição provisória, pois a qualquer momento o sujeito é tomado de novos movimentos que podem desestabilizar e reorganizar sua composição (MANSANO, 2009).

Nesse interjogo, a partir das relações de poder e de produção política é que o sujeito está posto em uma direção de inacabamento, e assim a subjetividade vai se construindo. Sendo ela “compreendida com um plano de produções histórico-políticas a partir do qual a forma sujeito emerge como efeito” (TEDESCO, 2007, p. 124).

Essa subjetividade, atravessada por um campo de forças, possibilita ao sujeito uma consciência de si, o levando a uma autoconsciência. Sitja e Reis (2009) dizem que “a própria vida passa a ser concebida com um processo de conhecimento contínuo e cíclico”, o que nos leva a compreender que a vida é cercada de aprendizagens e descobertas de si e do outro. Esse processo de descoberta de si acontece no ponto mais profundo da experiência e não é um conhecimento de modo objetivo em uma relação tão óbvia ou linear entre o sujeito-objeto, mas em uma relação intensa como nos lembra AmatuZZi (2006).

Aproximando-se desse pensamento, Mansano (2009, p. 111) apoiada nos estudos de Guatarri, nos traz que a subjetividade é “uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro”. Esse outro vai para além do outro humano que envolve tudo que circunda o sujeito, inclusive a própria natureza. Desse modo, não sendo possível separar o sujeito do mundo ao qual ele pertence. Tal produção, envolve múltiplos componentes e a cada mudança social interfere diretamente nos processos de produção dessa subjetividade. No cenário da pandemia as atividades de pesquisa presenciais apresentam com uma nova configuração para os sujeitos-pesquisadores. Entendendo que a presença coletiva proporciona condições de socialização, sendo fundamental para os processos criativos e de formação dos sujeitos.

Buscando compreender os componentes subjetivos que se organizam, a partir dessa conjuntura, vemos que esses se agrupam e recebem contornos distintos, propondo uma

passagem pelos modos de subjetivação. Com olhar voltado para os estudos de Foucault, Mansano(2009) nos convoca a uma reflexão sobre a dimensão histórica que atravessa os modos de subjetivação, descartando a possibilidade de uma universalização, e defendendo a singularidade do sujeito.

Esse sujeito, em deslocamento, ao lançar-se em suas experiências passa a descobrir quem é, nesse entrelaçamento é influenciado pelo outro e pelo meio social. Apesar disso os “modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas [...]”(MANSANO, 2009, p. 114). Dentro do modo de produção da subjetividade, a linguagem é um dos componentes constituinte do sujeito que é atravessada pelos interdiscursos. Como diz Tedesco (2007, p.145) “o encadeamento de discursos produz as condições discursivas, ou seja, impõe o enquadre da conversação, determinando o que pode ser tido. A linguagem institui novas realidades a serem tratadas, novos objetos empíricos”.

Dialogando sobre o método

Você sabe só existe o que é dito. Nem você, nem eu, nem ninguém existe sem a narrativa de nossa existência, mesmo uma coisa, é preciso narrá-la para que ela ocorra (Michel Serres).

Iniciamos essa sessão que se propõe a dialogar sobre o método utilizado, no referido trabalho, com uma reflexão de Michel Serres, na qual o autor elucida a importância da narrativa para a nossa existência, partindo do entendimento de que o ato de narrar consiste em uma produção de sentidos estabelecida, através da iniciativa do sujeito em refletir sobre sua trajetória e o desejo de narrá-la, seja ela de maneira oral ou escrita. No âmbito dessa discussão, Ricoeur (2006, p. 115) ressalta a importância de “[...] narrar-se, aprender a narrar-se é também aprender a narrar a si mesmo de outro modo”. E com isso a quem narra, cabe escolher o que será revelado e por conta disso, a (auto)biografia se atém a seleção de fatos, efetivados pelo narrador.

Diante disso, no que se refere ao aspecto metodológico, a análise em questão é fundamentada na perspectiva de uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2010, p. 57) “[...] se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como

vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

Dessa forma, nos ancoramos à pesquisa (auto)biográfica, através da utilização da entrevista narrativa que é um dispositivo de coleta de dados de pesquisa sociológica, cujo objetivo é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva de quem narra (SCHÜTZE, 1992a). Trazendo como colaboradores os sujeitos-pesquisadores, possibilitando que sejam evidenciados por meio das narrativas as suas compreensões acerca das experiências sobre os processos criativos em tempos de pandemia. Entendendo que “[...] a experiência é pessoal e social. Tanto o pessoal, quanto o social estão sempre presentes” (CLANDININ y CONNELLY, 2015, p. 30).

Visando ainda contribuir para o entendimento, sobre o método escolhido nesse artigo podemos ressaltar que:

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (JOVCHELOVICH y BAUER, 2002, p. 90).

Nesse cenário, é relevante salientar algumas considerações sobre o método (auto)biográfico, que segundo Mota (2016) é um processo autoformativo que permite ao sujeito um protagonismo em seu pensar sobre sua prática e sua formação. Com isso, o método (auto)biográfico permite que seja:

[...] concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem, aliás, da maior parte das metodologias de investigação em ciência sociais (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 23).

Na proposta de uma contextualização, Nóvoa e Finger (2010) ressaltam que a utilização do método (auto)biográfico nas ciências da educação é relativamente recente. Essa perspectiva metodológica surgiu inicialmente na Alemanha no final do século XIX, como uma alternativa sociológica ao positivismo. Aplicada pela primeira vez de forma sistemática em 1920 por sociólogos americanos da Escola de Chicago, logo despertou polêmicas em torno de sua epistemologia. Desde então, seu uso de forma autônoma tem sido reivindicado por estudiosos do método.

Perez (2003, p. 03) afirma que a “[...] a narrativa autobiográfica é um texto vivo, de um sujeito historicamente datado e socialmente situado; um texto revela modos de pensamento e reflete formas de organizar e criar e recriar cotidianamente o mundo”. A autora ainda evidencia que existem dois caminhos para a utilização da narrativa autobiográfica: a

investigação da narrativa usada no ensino e a pesquisa que faz uso da narrativa. Deste modo, as narrativas podem ser tanto um fenômeno que se investiga, quanto um método de investigação. Diante dessa reflexão, podemos salientar que:

As narrativas propõem uma nova Epstein, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções (PASSEGI y SOUZA, 2016, p. 06).

Quanto ao formato de análise das entrevistas narrativas é importante destacar que a mais adequada para esse objeto de estudo é a compreensiva - interpretativa, pois, concebe entre si relações de dialogicidade e reciprocidade. Tendo em vista aproximações e vizinhanças, mas também singularidades em seus tempos e momentos de análise. Essa é compreendida em três tempos: Tempo I: Pré-análise / leitura cruzada; - Tempo II: Leitura temática - unidades de análise descritivas; - Tempo III: Leitura interpretativa- compreensiva do corpus (SOUZA, 2006a).

Interlocução com as narrativas

Pensar a palavra e a narrativa como um ato de subjetivação circunscreve-se num panorama de evocação do diálogo e da argumentação sobre um determinado fenômeno. Visto que, a narrativa expressa tanto os pensamentos e sentimentos singulares, como os significados sociais embutidos nos sistemas culturais e em seu caráter conotativo. Influenciando assim, no processo de interação homem, ambiente e de sua própria constituição como sujeito (OLIVEIRA, SATRIANO, 2014).

A constituição de si e as variações produzidas pelos encontros intensivos são, portanto, um encontro com o outro que nos remete a um campo complexo de problematizações, por conta do caráter provisório dos acontecimentos e suas reverberações (MANSANO, 2009). Nesse sentido “a experiência narrada resgata um momento vivido e se transforma em uma nova experiência para quem narra e para quem ouve. No momento em que é transmitida a outras pessoas, ela ganha vida e significado” (SOUZA, 2020, p.84).

Desse modo, nessa sessão faremos um diálogo entre o referencial teórico e as narrativas dos sujeitos-pesquisadores acerca dos “processos criativos” “em tempos de

pandemia”. Com o intuito de preservar a identidade dos narradores-participantes utilizaremos o sistema alfanumérico SP1, SP2 e SP3 para nomeá-los.

Iniciamos essa interlocução destacando os desafios encontrados pelos sujeitos nesse contexto nas dimensões subjetivas, profissionais e sociais. Para elucidar, essa afirmativa o Sujeito- Pesquisador 1 (SP1) ressalta que:

[...] Existem muitos desafios que eu encontrei nesse percurso e estou encontrando. Sou mãe de duas moças, casada, coordenadora pedagógica e mestranda. Então, nessa trilogia: família, trabalho e estudo, vocês já conseguem compreender o quanto de desafios encontrei nesse caminho [...] (SP1)

Isso se aproxima do que pensa Boaventura de Sousa Santos (2020) ao nos apontar que a quarentena tem um caráter desafiante para as mulheres, pois elas precisam, com o título de “cuidadoras do mundo” dialogar com seus diversos papéis dentro e fora da família. Já que precisam exercer suas funções de trabalho, dar conta das tarefas referente ao papel de mãe, dona de casa, estudante, esposa, filhos dentre outros. O autor nos alerta para a necessidade de uma distribuição dos trabalhos domésticos, tendo em vista que com o isolamento todos podem estar em casa e cada um poderá exercer suas funções sem recair apenas sobre as mulheres. O que nos afere um esforço relatado pelo sujeito da investigação, na qual entendemos que essa experiência exige da mulher a utilização de sua criatividade para dar conta dos papéis que lhe são atribuídos.

Desse modo, mesmo com a adversidade, os sujeitos têm buscado reinventar-se em seus processos de entrelaçamento dos papéis referentes a escrita no âmbito acadêmico ou no contexto do próprio trabalho. Quanto aos procedimentos de escrita, nesse período de pandemia, Santos (2020, p.10) menciona que “[...] escrevem sobre o mundo, mas não com o mundo. São poucos os intelectuais públicos, e também estes não escapam ao abismo destes dias.” Para que essa escrita tenha uma interlocução com a sua essência de sujeito e com esse mundo é preciso mergulhar em si em um processo de descobertas. Nessa perspectiva, encontramos um relato propositivo do SP1, na procura de uma conexão consigo e com o mundo ao seu redor:

A palavra caminhar me ajudou muito, inclusive na escrita. O respeito ao meu tempo, o respeito ao que eu estava vivendo e ao que eu estou vivendo nessa pandemia com ‘mil’ plataformas. Com duas filhas tendo aula em tempo integral, com casa, marido, trabalho que ‘triplicou’, os afazeres domésticos todos, escrita e leitura. Então, foram muitos desafios! Eu precisei encontrar uma forma de me recolher. Uma das formas que eu encontrei e deu certo para mim, foi escrever ouvindo músicas com sons da natureza. E isso, tem me ajudado na concentração, tem me ajudado na produção da escrita. (SP1)

Esse “[...] caminhar significa colocar essa posição em jogo, significa ex-posição, estar fora-de-posição” (MASSCHELEIN, 2008, p. 37). Nesse sentido, a forma de caminhar para fora nos coloca o problema da herança, ou melhor, a ausência dela. É um caminhar que se dá na sujeição da descontinuidade, da fissura ou da quebra(SITJA E REIS, 2009). É um movimento que pode apontar ao sujeito novas descobertas sobre si, sobre o outro emperspectiva de uma escuta interna.

Foi evidenciado outro ponto muito singular dentro das entrevistas narrativas quando SP2 nos disse:

[...] o processo criativo e a criação acadêmica, eu vejo que os professores, os profissionais de educação nesse contexto de isolamento e distanciamento social, eles mantiveram os seus processos de criação. Obviamente, que foi preciso reconfigurar, foi preciso recriar, foi preciso estabelecer novas relações pessoais e novas relações profissionais. Diante disso, nós já podemos acompanhar uma série de revistas com dossiês temáticos que divulgam já uma produção acadêmica a partir desse contexto de pandemia, várias lives. Alguns eventos, todos já em formatos digitais e algumas reuniões de entidades profissionais e sindicais. Então, já há todo um movimento, fruto desse novo contexto da pandemia. (SP2)

Diante dessa problematização, podemos afirmar que o processo criativo do sujeito se elabora no contexto histórico-cultural. O sujeito se desenvolve em uma realidade, de acordo com suas necessidades e valorações culturais interferindo nos próprios valores da vida. Confrontam-se dois polos de uma mesma relação: a criatividade como potencialidade de um ser único e a criação como realização das potencialidades dentro do quadro de uma realidade específica (OSTROWER, 2018) e de uma dada experiência. Como destaca SP2:

[...] a minha experiência com a produção do conhecimento, com o processo criativo nesse contexto de pandemia, ela está configurada em três setores. O primeiro setor que é com a pesquisa, onde venho desenvolvendo pesquisa com base de dados do INEP, do Ministério da Educação sobre a qualidade das escolas rurais do Território do Piemonte. Outra pesquisa é fruto diretamente desse contexto de pandemia, nós coletamos através de questionários online informações sobre as condições de trabalho dos professores. Outro setor foi o desenvolvimento de cursos, especialmente, um curso de extensão onde, eu e um outro professor da UNEB, estamos construindo. Iremos ofertar este curso sobre as condições de trabalho na plataforma da UNEAD na UNEB. Então esse movimento nos proporcionou estudo, imersão sobre uma temática que a gente não tinha tanta informação. O terceiro ponto é sobre nossa formação continuada, eu precisei participar de alguns cursos em institutos, em universidades. Cursos que abordassem sobre a Educação à Distância, o ensino remoto, plataforma e softwares para que pudesse tentar proporcionar uma melhor experiência sobre esse processo de ensino – aprendizagem. (SP2)

Os processos criativos apontados por esse sujeito perpassam pela ótica de conquistas do campo profissional e pessoal que tem o ajudado em seu enfrentamento nesse período de pandemia. Nesse sentido, Moraes (1997) sinaliza que os processos criativos possibilitam importantes conquistas no nível interpessoal, intrapessoal e transpessoal. No campo intrapessoal o sujeito pode acessar seu inconsciente em conexão consigo e em um processo

de autoconhecimento, confiança, determinação e capacidade de enfrentar problemas diversos. Já no interpessoal possibilita uma capacidade maior de cooperação, adaptação e interação. Por fim, a autora nos aponta que no nível transpessoal essa criatividade pode facilitar uma conexão com o universo, com suas crenças espirituais. O que nos leva a compreender que através desses processos criativos, em que o sujeito é acometido, pode possibilitar novas aberturas e provocar mudanças em sua subjetividade.

No que se refere ao momento em que a sociedade se encontra, com a presença do vírus que atinge todos os estratos sociais, Santos (2020) nos adverte que a quarentena é discriminatória, trazendo maior dificuldade para uns grupos sociais do que para outros. Desse modo, em seu relato SP2 revela:

[...] compreendo que o isolamento e o distanciamento social num país tão desigual como o Brasil, é atravessado também pela desigualdade do isolamento criativo. Esse é um privilégio para uma parte da população, porque para outra parte não se tem acesso à internet, não tem trabalho formal, perdeu renda, perdeu trabalho e que vive em condições precárias. Esse isolamento social é marcado por um isolamento e abandono. (SP2)

Apesar da importância da reinvenção nesse cenário é válido acentuarmos que embora o isolamento seja necessário à condição de vulnerabilidade, em que muitos grupos se encontram. Vale ressaltar, que nem todos os grupos conseguem fazer de fato o seu isolamento e que as condições adversas podem ou não possibilitar um processo criativo.

Um aspecto interessante que emerge a partir do que “é dito” nas narrativas é como os sujeitos são provocados em seus processos de subjetividade nessa experiência de pandemia. É necessário destacar, que a concepção de experiência aqui compreendida passa por aquela que Larrosa (2002) nos provoca a pensar-la e relacioná-la como um acontecimento profundo e significativo.

O período pandêmico é complexo e tem lançado o sujeito a experiências ainda não vividas e é na vivência desses acontecimentos que o sujeito vai se constituindo. Como aponta Mansano (2009, p. 115) o sujeito

[...], só pode ser analisado a partir de uma processualidade, de um vir a ser que não se estabiliza de maneira definitiva. Ele é construído à medida que experimenta a ação das forças que circulam no fora, e que, por diferentes enfrentamentos, afetam o seu corpo e passam, em parte, a circular também do lado de dentro.

O sujeito que se constrói ao longo da sua caminhada é afetado pelos acontecimentos que dimensionam o seu (re)existir. É nesse sentido que o SP3 diz

Nesse tempo de isolamento social, eu tenho recorrido a poesia, a literatura e me aproximado também da música. Nesses tempos onde a subjetividade nos convoca a

sentir intensamente as dores do mundo. Nesse jogo de viver e morrer, de ser livre e de ser privado da liberdade.(SP3)

Em consonância a esse pensar, Santos (2020) nos aponta que a realidade pandêmica e as aparições em que se materializam nos permite ver o modo como o mundo é interpretado e avaliado, determinando o futuro da civilização em que vivemos. Dessa maneira, os sujeitos são afetados por esse jogo de forças presente no cenário em que se encontram, os levando a uma nova maneira de viver. Como nos lembra Mansano (2020, p. 111):

[...] é nessa dinâmica mutante que os processos de subjetivação vão tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, de uma lista vasta que tem como principal característica o fato de ser permanentemente reinventada e posta em circulação na vida social.

Os componentes dessa nova realidade ganham uma importância coletiva que passa a impactar, modificar, abandonar, misturar aos elementos da subjetividade de cada sujeito, provocando um movimento. E esse movimento acarreta novos hábitos e novas escolhas. Como sugere SP3:

[...] Tenho escolhido narrativas mais sensíveis para pensar o mundo que rodeio, as pessoas que me cercam e as questões que aparecem na minha produção científica e no meu trabalho cotidiano. Por isso, tenho recorrido muito as ideias do Boaventura que nos move a pensar em outra forma de fazer ciência. Durante muito tempo a ciência impediu de pesquisas sobre os nossos próprios mundos. O que também nos impediu de transformá-lo. E isso impediu que realidades presentes fossem consideradas como ausentes, ou seja, fossem consideradas inexistentes. [...] (SP3)

Essa narrativa nos aponta a um movimento de mudança através dessa experiência com uma conscientização de si enquanto sujeito, pois como revela AmatuZZi (2006, p. 95) “ a subjetividade é a consciência de si, a auto-consciência[...] a experiência subjetiva não é a mesma coisa que conhecer, no sentido de um conhecimento objetivo. É muito mais um aproximar-se de sua subjetividade: eis aqui um conhecimento que envolve a pessoa”. Isso nos faz perceber que a subjetividade está intrinsecamente relacionada com aquilo que há de mais profundo na experiência, levando-nos a compreender que a relação sujeito-objeto ultrapassa um conhecimento cognitivo dessa subjetividade.

Na proposta de alcance de um conhecimento mais profundo e significativo o relato do SP3 traz questões que ultrapassam o movimento racionalista:

[...] gosto também da ideia de se pensar na ciência que posso recorrer as epistemologias das experiências e tenho trabalhado nesse sentido, com as narrativas (auto)biográficas para acionar essa forma sensível de aproximação e experimentação do mundo. Porque estas epistemologias tentam rasurar ou amenizar as linhas tão rígidas da ciência moderna e desses processos que nos colonizaram em tempos de produção científica. [...] Gosto do modo como a gente recorre aos outros modos de fazer ciência, criticando essa ciência moderna que nos desumanizou. Que nos colocou nessa condição do não ser.(SP3)

O que percebemos no movimento dessa narrativa é que a pandemia tem provocado ainda mais uma busca de encontros com a subjetividade e distanciando-se do paradigma científico-racionalista. Como bem traz Santos (2020, p. 23):

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI.

Essa conjuntura adversa tem provocado aos sujeitos-pesquisadores arriscar, criar e reinventar, desde que estes permitam-se ser afetados pelos processos de subjetivação que essa mudança social possibilita. Isso nos leva a perceber que não há qualquer tipo de controle no que vai emergir dessa relação entre o sujeito e o mundo em que ele se encontra.

(In) Conclusões

A pandemia de Covid-19 impactou a sociedade provocando o isolamento dos sujeitos, ocasionando mudanças significativas nas relações, na produção de conhecimento e na percepção de si. Diante do que evidenciamos ao longo do texto, a atividade narrativa se configura como um caminho de resolução de problemas, que nos convoca a lembrar e a refletir as experiências de acontecimentos do cotidiano que são realizadas a partir da trilogia: o eu, o outro e o meio social como referência. Desse modo, falar de si como sujeito-pesquisador exige assumir uma posição específica perante o outro social com quem convive (CAIXETA. *et. al*, 2017).

Sem dúvida, esse momento de reinvenção e de desenvolvimento dos processos criativos dos sujeitos - pesquisadores em “tempos de pandemia”, nos revelam as diferentes escalas de interpretação. As vidas vão se construindo e se (re)constituindo de forma cada vez mais complexa, abrindo assim, novas perspectivas de repensar a vida em suas dimensões: pessoal e profissional. Ninguém sabe como vai ser o amanhã, mas temos a chance de refletir sobre o hoje para construir um futuro melhor. Questionar a nossa própria prática, por meio de ambientes colaborativos e criativos, na qual se promova um protagonismo perante as pesquisas acadêmicas a partir da experiência vivida.

Nesse cenário, lidar com esse “novo normal” e aprender a viver num mundo onde o futuro se mostra incerto em diversas direções, a tomada de decisão precisa ser feita nesse ambiente de enfrentamento, na qual as informações oferecidas pelas ciências e pela tecnologia

são cambiáveis e sujeitas a pontos de vistas contraditórios (PIETROCOLA y SOUZA, 2019).

Diante da análise das narrativas dos sujeitos-pesquisadores, podemos elencar alguns elementos significativos como: momentos de desafios diante dos diversos papéis que eles desempenham para poder conciliá-los; busca de interiorização, reflexão e contato com sua subjetividade; ênfase na necessidade formativa para o desenvolvimento profissional, relevância das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) que viabilizam as relações sociais e da produção acadêmica e um período que acentua a desigualdade social.

Ademais, os pesquisadores dessa investigação ressaltam a importância dos processos criativos, mesmo com suas limitações, sentindo a necessidade de superar as dificuldades, as quais devem ser comprometidas com a transformação social. Nos faz perceber que as tecnologias, a ciência e a subjetividade se entrelaçam no período de pandemia para ajudar aos pesquisadores a construção de conhecimentos significativos a partir de suas pesquisas, que serão aplicados nos contextos sociais, educativos e formativos.

Referências

- AMATUZZI, Mauro Martins. **A subjetividade e sua pesquisa**. Revista Eletrônica Memorandum, n. 10, abr/2006. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.pdf>. Acesso 31 de Ago. De 2020.
- Caixeta, J. E., Silva, D. M. S. da, Lima, L. M. de, & Alves, E. B. S. (2018). Entrevistas narrativas mediadas por instrumentos: investigações sobre a identidade docente. *Linhas Críticas*, 23(51), 268-289. <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8223>
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. 2ª edição rev. – Uberlândia: EDUFU, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987
- JOVCHELOVICH S.;BAUER MW. **Entrevista Narrativa**. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- MANSANO, Sonia Regina Vagas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2). 2009. Disponível em <file:///C:/Users/patti/Downloads/946-Texto%20do%20artigo-2985-1-10-20180310.pdf>. Acesso em: 30 de Ago. de 2020.

- MASSCHELEIN, J. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685/3998>>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- MEGALE, Fernando Santaella; TEIXEIRA, Jurema. **Notas sobre a subjetividade em Nossos Tempos**. Revista Psicologia Ciência e Profissão. Vol. 18 ° 3. Brasília. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300008. Acesso em: 29 de Ago. 2020.
- MINAYO, M.C. de S. (2010). **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 9ª Ed. Campinas- SP: Papirus, 1997.
- MOREIRA, Andrea Godinho; SILVEIRA, Herminia. Teorias da subjetividade: convergências e contradições. **Revista ContraPonto**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 58-69, jul.2011 58.
- NÓVOA, António. **Histoire&Comparaison: essaissurl'éducation**. Lisboa: Educa 1998.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- OLIVEIRA, Valéria M. de; SATRIANO, Cecília Raquel. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico – metodológicas emancipatórias. IN: **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.20, n.42, p.257 – 282, mai/ago 2014.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. – Petópolis, Vozes, 2018.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. **O Movimento (Auto) Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional**. **Investigación Cualitativa**, 2 (1) p. 6-26, 2017.
- PEREZ, C. L. V. **Imagens Caleidoscópicas: as narrativas autobiográficas das professoras alfabetizadoras**. II Seminário Internacional as Redes de conhecimentos e a tecnologia: imagens e cidadania. Anais... UERJ: Rio de Janeiro, 2003.
- PIETROCOLA, M., & SOUZA, C. R. de. (2019). A sociedade de risco e a noção de cidadania: desafios para a educação científica e tecnológica. **Linhas Críticas**, 25. <https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.19844>
- RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra- Portugal. Ed. Grupo Almeida. 2020.
- SCHÜTZE, F. 1992a. **Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications**, Parts 1 and 2, *International Sociology*, 7. p. 187-208, 347-67.
- SCHÜTZE, F. 1992b. **Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: how to analyse autobiographical narrative interviews –part1**. Disponível online em: <http://www.uni-magdeburg.de/zsm/projekt/biographical/1/B2.1.pdf>. Acesso em: 17 set.2020
- SERRES, Michel [1985]. **Os cinco sentidos**. Filosofia dos corpos misturados – I. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001

SITJA, Liége Maria Queiroz; REIS, Leonardo Rangel dos. **Pedagogias dos des – caminhos: educação, humanismos e maneiras de dizer.** Revista EntreLinhas, Salvador, EDUFBA, 2009.

SOUZA, E. C. **O Conhecimento de si: estágio e narrativa de formação e professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006a

SOUZA, Kleyne C.D. de. Narrativas, rua e construção de laços: histórias que se encontram na EJA. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador**, V.05, n.14, p.841-858, mai/ago. 2020.

TEDESCO, S. **Subjetividade e seu plano de produção.** In: QUEIROZ; CRUZ (Org.). Foucault, hoje? Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

UTILIZAÇÃO DE ELEMENTOS DE *GAMES* EM SALA DE AULA: UMA ALTERNATIVA DIDÁTICA E LÚDICA ATRELADA À QUÍMICA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Maria Letícia Gomes Vieira

Danielle Juliana Silva Martins

Resumo

A utilização de ferramentas lúdicas pode se mostrar como alternativa bastante eficiente no processo de aprendizagem. O presente trabalho tem como objetivo principal investigar a utilização de Elementos de Gamificação, e sua contribuição para os processos de ensino e aprendizagem na disciplina de Química, verificando-se as metodologias utilizadas pelos professores e as atividades desenvolvidas em sala. Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por utilizar método de natureza qualitativa, na perspectiva de aplicar os recursos de Gamificação em sala de aula no Ensino de Química. Assim, foram realizadas entrevistas, com questionário semiestruturado, com professores de química e alunos na turma do 1º ano do Ensino Médio na Escola Marechal Antônio Alves Filho, da cidade de Petrolina/PE. Assim, os resultados apontam no sentido da eficiência da utilização de ferramentas lúdicas no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que utilizando o *Kahoot* como ferramenta “*game*”, identificou-se uma melhora no desempenho daqueles alunos que participaram da pesquisa.

Palavras-chave: Ensino; Química; Jogos.

USE OF GAMES ELEMENTS IN THE CLASSROOM: A TEACHING ALTERNATIVE AND LUDIC ATTACHED TO CHEMISTRY WITH HIGH SCHOOL STUDENTS

Abstract

The use of playful tools can prove to be a very efficient alternative in the learning process. The main objective of this work is to investigate the use of Gamification Elements, and their contribution to the teaching and learning processes in the Chemistry discipline, verifying the methodologies used by teachers and the activities developed in the classroom. For the development of this research, it was chosen to use a qualitative method, in the perspective of applying Gamification resources in the classroom in Chemistry Teaching. Thus, interviews were carried out, with a semi-structured questionnaire, with chemistry teachers and students in the 1st year of high school class at Escola Marechal Antônio Alves Filho, in the city of Petrolina/PE. Thus, the results point towards the efficiency of using playful tools in the teaching-learning process, since using Kahoot as a “*game*” tool, an improvement in the performance of those students who participated in the research was identified.

Keywords: Teaching; Chemistry; Games.

USO DE ELEMENTOS DE *GAMES* EN EL AULA: UNA ALTERNATIVA DE ENSEÑANZA Y LUDIC ADJUNTA A QUÍMICA CON ESTUDIANTES DE ESCUELA SECUNDARIA

Resumen

El uso de herramientas lúdicas puede resultar una alternativa muy eficaz en el proceso de aprendizaje. El objetivo principal de este trabajo es investigar el uso de Elementos de Gamificación, y su contribución a los procesos de enseñanza y aprendizaje en la disciplina Química, verificando las metodologías utilizadas por los docentes y las actividades desarrolladas en el aula. Para el desarrollo

de esta investigación se optó por utilizar un método cualitativo, en la perspectiva de aplicar los recursos de Gamificación en el aula en la Enseñanza de la Química. Así, se realizaron entrevistas, con un cuestionario semiestructurado, a profesores y estudiantes de química de 1º de bachillerato de la Escola Marechal Antônio Alves Filho, de la ciudad de Petrolina/PE. Así, los resultados apuntan hacia la eficiencia del uso de herramientas lúdicas en el proceso de enseñanza-aprendizaje, ya que al utilizar Kahoot como herramienta de “juego”, se identificó una mejora en el desempeño de los estudiantes que participaron en la investigación.

Palabras clave: Enseñando; Química; Juegos.

INTRODUÇÃO

As dificuldades encontradas por professores ao ensinar química são diversas, as disciplinas da área de exatas são ensinadas e aprendidas através da metodologia tradicional, ou seja, da mesma forma que o professor aprendeu a decorar fórmulas e fazer cálculos, conseqüentemente, em sua atuação docente, ele utilizará a mesma didática com seus educandos. Segundo Lobato (2007), o educador nem sempre está preparado para atuar de forma interativa e lúdica com o conteúdo.

Entretanto, na atualidade digital em que vivemos o método tradicional não pode ser o único recurso utilizado no processo de ensino e aprendizagem. Assim, segundo Pelizzari *et al.* (2002), o ensino mecânico sem interagir com conceitos do cotidiano do aluno, torna a aula muito monótona, pois apenas decorar fórmulas e leis não se faz uma aprendizagem significativa em que, após o processo de avaliação, os alunos dispersam o conhecimento, visto que o ato de decorar apenas para um determinado momento não constitui uma educação para a vida.

Outra dificuldade apontada pela teórica Lemos (2009) é que muitos dos docentes imigrantes digitais (segundo a autora, consiste em todos aqueles que nasceram antes do surgimento da *internet*), ainda estão com os pés no passado e há uma necessidade urgente de mudarem suas práticas de ensino para assim alcançarem os nativos digitais (aqueles que nasceram após criação da *internet*), pois, é notório hoje que tais alunos vivem conectados em redes de internet e, com isso, se faz necessário trazer esta conexão a ativa para a educação.

Ao perceber as dificuldades apresentadas quanto ao ensino de química no Ensino Médio, esta pesquisa tem por objetivo aplicar possibilidades de ensino e aprendizagem da disciplina Química, através de jogos, mediante o uso de elementos de Gamificação em uma escola de ensino público.

Este estudo tem sua fundamentação teórica respaldada nos autores Rogada (2004) e Gomes & Macedo (2007), que tratam da contextualização do ensino inserida no cotidiano do

aluno, como também trabalham o desenvolvimento cognitivo dos alunos quando inseridos no processo de educação. Lemos (2009), que trata do uso de ferramentas lúdicas para trabalhar o cognitivo dos alunos, sendo o mesmo autor contrário às formas tradicionais de ensino e inserindo as tecnologias digitais no contexto da educação.

Também está respaldada nos estudos de Alves (2016), que trata da gamificação como instrumento educativo que pode ser inserido em aulas para que haja mais interação entre os alunos e o conteúdo que está sendo ensinado. Por fim, esta pesquisa está embasada também nas pesquisas de Bottentuit-Júnior (2017) e Leite (2017), que discutem o uso de *games* como possibilidade de configurar-se em ferramenta auxiliar no processo de construção do conhecimento.

Gamificação na Educação consiste em trazer recursos/elementos de jogos para a realidade da sala de aula, promover uma aprendizagem significativa. Tais recursos como desafios, regras, objetivos, cooperação, competição, *feedback* (já utilizado em sala de aula através de atividades/exercícios), sistema de recompensa entre outros dessa forma tornar a aprendizagem mais prazerosa e relevante na busca de aproximar a ciência abstrata da realidade “virtual”, dos nativos digitais (ALVES, 2014).

Assim, o presente trabalho objetivou investigar acerca da utilização de Elementos de Gamificação, e sua contribuição para os processos de ensino e aprendizagem na disciplina de Química, com estudantes do Ensino Médio, verificando-se quais as metodologias utilizadas pelo professor e as atividades desenvolvidas em sala. Ainda, elaborar estratégias que contribuíssem para o dinamismo e inserção do uso de elementos de Gamificação nas aulas de Química, com foco na aprendizagem desses estudantes, aplicando-se as estratégias de gamificação no Ensino de Química.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por utilizar método de natureza qualitativa, na perspectiva de aplicar os recursos de Gamificação em sala de aula no Ensino de Química na Escola Marechal Antônio Alves Filho, da cidade de Petrolina/PE.

Para atingir os objetivos elencados, foram realizadas entrevistas, com questionário semiestruturado, com professores de química e alunos na turma do 1º ano do Ensino Médio. Assim, com o fim de identificar junto ao docente um conteúdo mais propício para realizar a intervenção naquele contexto.

Para a Organização do material didático gamificado inicialmente foram divididas em dois grupos: a turma I, onde seria trabalhado a Gamificação, através de elementos de jogos em sala de aula, como, por exemplo, competição, sistema de pontos e etc. Na Turma II seria utilizada a metodologia expositiva dialogada, esta metodologia prevê que o professor vai

explicar o conteúdo no quadro ou através de data show, dialogando com os alunos para analisar suas possíveis dúvidas ou a aprendizagem. Conseqüentemente, em uma turma seria realizada a intervenção com o material gamificado e na outra a intervenção com aula expositiva.

Após a realização destas etapas, os dados foram analisados a partir de Bardin (1977). É importante acrescentar que o estudo qualitativo preocupa-se, principalmente, em estudar e analisar o mundo empírico em seu ambiente natural. A abordagem da pesquisa valoriza o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação estudada (GODOY, 1995). A partir de anotações, seleção, análise e interpretação dos dados coletados, esta pesquisa foi fruto de um processo de estudo e reflexão, pois, como afirma Godoy (1995, p.65)

Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto. O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias.

As verificações foram realizadas, principalmente, através de questionário semiestruturado, observação de aulas, e entrevista. A partir dessas observações e análises, será possível pensar em estratégias que contribuam para a inserção da Gamificação nas aulas de Química, com foco na aprendizagem de estudantes do Ensino Médio. Por fim, expor toda a pesquisa a fim de torná-la mais acessível aos demais profissionais e pesquisadores.

CONTRIBUIÇÕES DOS GAMES NA EDUCAÇÃO

Considerando o contexto digital atual, se faz necessário buscar novos recursos a fim de aprimorar os conhecimentos prévios. A Gamificação na Educação surge como uma alternativa que tende a contribuir significativamente com a educação por proporcionar: melhora da memória; torna a aprendizagem mais prazerosa; desenvolve a autonomia; os estudantes se concentram mais; e aprimoram os resultados dos alunos (OLIVEIRA, MAFRA & ENGEL, 2019).

Neste contexto, a escola precisa reaprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora, empreendedora. Ela tem sido previsível, sempre utilizando os mesmos recursos e metodologias, burocrática, pouco estimulante para os bons professores e alunos. Não há receitas fáceis de medidas simples. Moran (2013) destaca que a escola está envelhecida nos métodos, procedimentos, currículos, é necessário mudar, inovar.

Essa pesquisa apresenta como relevância social o aspecto educacional do aluno, tornando-o mais interativo e dinâmico na resolução de problemas, não apenas na disciplina na qual se aplica o *game*, mas no envolvimento dos conteúdos das outras disciplinas e em assuntos extracurriculares, aguçando o desenvolvimento cognitivo. O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral. Através dele se processa a construção do conhecimento, principalmente no período sensório-motor (PIAGET,1967).

Cientificamente, este estudo servirá de embasamento para validação da possível eficácia da prática da Gamificação como potencial ferramenta de educação no ensino de química para alunos do Ensino Médio. Levando em consideração que tal ferramenta vem contribuir, pois não são os recursos que definem a aprendizagem, são as pessoas, o projeto pedagógico, as interações e a gestão, ou seja, a educação é um processo (MORAN, 2013).

É importante esclarecer que a gamificação traz consigo a dinâmica, mecânica e componentes dos jogos que fazem com que emoções ganhem espaços, pois muitas vezes a realidade não permite, mas através de *games* ganha-se “super poderes” e o indivíduo é capaz de ir além, e, se não for, não tem nada a perder. O fato de um *game* ser uma abstração da realidade faz com que o jogador compreenda o que está acontecendo, uma vez que a complexidade foi simplificada no contexto desse game. Além disso, oferece a possibilidade de análise entre a relação de causa e efeito num espaço de tempo que não seria possível no mundo real.

O conteúdo, nesta atividade, se faz notório de forma imprescindível na hora da junção, pois os jogos e os elementos causam curiosidade e anseio por ganhar estrelas e/ou troféus. Ao ganhar a disputa o aluno, por vezes, estuda mais, possibilitando que este passe a ser o centro da aprendizagem, ou seja, um aluno ativo em todo o percurso da longa caminhada, ao objetivo que é aprender e sabemos que a busca pela aprendizagem é infinita (ALVES, 2016).

Segundo Alves (2016), a curiosidade cognitiva é despertada pela perspectiva de se modificar níveis mais altos de estruturas cognitivas. Essa curiosidade é despertada quando você oferece ao aprendiz conhecimento suficiente para que ele sinta que o conhecimento que tem está incompleto ou insuficiente para resolver estruturas complexas, estimulando-o, assim, a adquirir mais conhecimento em busca de resolver novas estruturas.

Diante desse contexto, acreditamos que, no presente estudo, a pesquisa assume um caráter articulador ensino-pesquisa-extensão, uma vez que há uma proposta de contribuição para a formação de um profissional mais integrado com as demandas da sociedade, ao fazer a

intervenção em uma sala de aula do Ensino Médio, e proporcionar não apenas para o aluno a vivência com uma estratégia de ensino diferenciada, mas ao regente da disciplina uma formação em serviço.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto iniciou-se no dia 04 de março de 2020, após os trâmites iniciais entre escola, pesquisador e orientador. Na primeira visita observou-se salas incidentes e muito aglomeradas, com 45 alunos, sem espaços vazios tornando assim a sala pequena. Notou-se alunos dispersos, dormindo, mexendo no celular. Havia alguns alunos prestativos, fazendo as atividades propostas participando, o que se pode concluir tratar-se uma sala mesclada quanto a atenção e participação.

No mesmo dia ocorreu a entrevista com o professor regente da turma, o mesmo com formação na área de Química, Mestre em Ciências dos Materiais, um professor acessível e disponível, porém quanto ao uso de metodologias Ativas, ou método inovadores, o mesmo disse já ter tentado, porém no presente está em desuso, pois mesmo a escola tendo laboratório, não há como manusear sozinho a quantidade de alunos. A escola possui meios, porém o uso deles torna-se inviável, pois no laboratório caberia cerca de dez alunos, e os demais a direção não concorda em ser interessante deixá-los desacompanhados. Quanto ao método que foi utilizado os alunos também não colaboram, logo se usa a metodologia de ensino tradicional, que “vem mostrando resultados”, fala do professor.

No segundo momento, nas turmas I e II (segundo encontro 05/03/20), foi entregue e explicado aos alunos sobre os termos, sanando possíveis dúvidas, e solicitado entrega na próxima aula. O docente passou o conteúdo que seria trabalhado, o qual seria também desenvolvido uma atividade *Gamificada*. O conteúdo “transformações da matéria”. Estava previsto iniciar o conteúdo em sala de aula, solicitar atividade, e, ainda, uma aula prática em laboratório finalizando com um *game*, referente ao conteúdo. Como abordado na metodologia, seriam duas turmas, uma seguindo esta metodologia descrita acima e a outra turma com ensino tradicional, aulas em sala de aula e atividades (exercícios resolvidos).

No terceiro encontro em ambas as turmas (I e II) foi ministrada uma aula sobre “transformações da matéria”. Subtemas abordados: Estados Físicos da Matéria e suas características; Mudanças de Estados, como identificá-las e as Leis que obedecem; e Curiosidades. Por fim, foram realizados alguns exercícios em sala de aula, disponibilizados nos slides, tendo sido entregue aos alunos cópias. Esta aula foi realizada em dois encontros em

ambas as turmas, nos próximos encontros seriam diferenciadas em relação ao *Game*. No entanto iniciou-se a pandemia devido ao COVID-19, e o Governo do Estado de Pernambuco decretou fim das aulas presenciais em 18 de março de 2020, como medida preventiva de contágio desta doença causada por vírus com uma virulência muito alta.

Desde esta data houve uma suspensão por tempo indeterminado com projeto, iniciando novamente em 30 de junho de 2020, com algumas mudanças necessárias, com adaptações no ensino à distância, um desafio abraçado na busca de dados para enriquecer o trabalho e aprender a se adaptar ao “novo normal”. Com as aulas do Estado sendo transmitidas por meio da plataforma *Youtube*, foi reorganizado o contato entre pesquisador-professor, onde foi proposto utilizar-se o aplicativo *kahoot*, como método Gamificado e avaliativo.

Entretanto, para o preparo do *game* foi necessário assistir as aulas ofertadas pelo estado de Pernambuco, as mesmas que os alunos assistiam. O mesmo foi elaborado no *Kahoot*, que é uma plataforma de aprendizado baseada em jogos, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino. Seus jogos de aprendizado, "*Kahoots*", são testes de múltipla escolha que permitem a geração de usuários e podem ser acessados por meio de um navegador da Web ou do aplicativo *Kahoot*. Desse modo, os alunos poderiam acessar em suas casas através de *smartphone*, tablets ou computadores. Logo, na realização desta atividade obtivemos e seguinte conteúdo: Tabela Periódica. Foi feita a atividade com doze questões de múltipla escolha de comum acordo com o tema solicitado. As questões foram mostradas e analisadas pelo docente da turma e, em seguida, liberadas para os alunos como atividade avaliativa da disciplina de Química, ainda assim poucos participaram.

Neste âmbito, é necessário fazer algumas ressalvas como, por exemplo, a primeira foi dada um prazo de 15 dias, onde, apenas 05 alunos participaram. Prolongado o prazo por mais 10 dias, e, por fim, um mês. A princípio seriam apenas as duas turmas trabalhadas, porém, em reorganização dos passos metodológicos, acabou sendo disponibilizado para seis turmas, onde poucos alunos participaram.

Link para acesso às informações:

<https://docs.google.com/forms/d/1unGNdf3quyrZ0cW08V7nowvB4euJRzD7IAMUfMD6UFw/edit?ts=5f469551>.

Assim, não foi possível cumprir todos os critérios inicialmente estabelecidos na metodologia, tendo sido necessário a readequação dos procedimentos metodológicos, em

decorrência da atual situação de distanciamento social, bem como acesso a eles, como telefone ou e-mail dos discentes ficando tais passos cancelados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o presente cenário de Pandemia, devido ao Covid-19, bem como algumas outras eventualidades impostas pela carência do acesso de alguns alunos à internet, tablete, celular, computador e etc., os objetivos foram todos alcançados. Foi possível acessar as informações sobre as metodologias utilizadas em sala de aula, bem como as dificuldades enfrentadas pelo docente em aderir ou valer-se de tais metodologias em sala de aula.

Entretanto, conforme observado, a execução foi possível com a devida adequação das atividades propostas, adaptando-as para um sistema à distância (escolas fechadas). Inicialmente os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos para aplicação presencial. O distanciamento social, que se impôs, levou a um quantitativo de alunos muito inferior na aplicação no local da pesquisa (no início durante as aulas presenciais, antes da pandemia, havia muitos alunos, dispostos em duas turmas).

Assim, tais eventualidades levou à utilização da plataforma *Kahoot*. A adaptação não interferiu negativamente na pesquisa. Ao contrário, a partir de tal observação foi possível evidenciar outros fatores antes não considerados (ou desconhecidos), como a situação econômica e social dos alunos de rede pública de ensino, fato que poderia ser objeto de outra pesquisa. Mas, o fato é que o *game* foi desenvolvido com um caráter totalmente inovador, à distância os discentes puderam aprender e estudar de forma ativa, com o auxílio de materiais selecionados e enviados a eles, como também outras fontes que se colocou à disposição.

Por fim, observou-se que o *game* influenciou positivamente no processo de assimilação/compreensão do conteúdo abordado, pois aqueles que acessaram à didática inovadora tiveram o seu desempenho melhorado. O cenário que se apresenta ainda é muito novo, é necessário que os docentes busquem alternativas que ajudem a melhorar o processo de ensino aprendizagem. Ainda, é possível inferir, através dos dados coletados, que esta metodologia é viável e eficaz, pois o *kahoot* tem todos os elementos de uma *game*, quais sejam: sistema de pontos, competição, medalha, tempo, e tais elementos prendem a atenção dos jovens e adolescentes (público alvo da pesquisa). Assim, fica evidente a gama de questões que podem vir a ser abordadas em outras pesquisas, para que, em complementação, sejam proporcionadoras de novas técnicas e ferramentas lúdicas que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Gamification**: Como criar experiências de aprendizagem engajadoras. Um guia completo: do conceito à prática. São Paulo-SP: DVS Editora, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDELLI, M. S. Encantar para ensinar: um procedimento alternativo para o ensino de química. *In*: Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Centro Reichiniano, 2004. CD-ROM.

BOTTENTUIT-JÚNIOR, J. B. **O Aplicativo Kahoot na Educação**: verificando os conhecimentos dos alunos em tempo real. 2017. p. 1587-1602. Disponível em: <http://fatecead.com.br/ma/artigo01.pdf>. Acesso em abr. 2019.

CHAVES, S.M. *et al.* **Ensinar Química com um olhar lúdico no conteúdo estruturante matéria e sua natureza**. vol. 1. 2012. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uenp_qui_artigo_sonia_maria_chaves.pdf. Acesso em abr. 2019.

DE PAULA, F. R. & FÁVERO, R. P. A gamificação da educação na Compreensão dos profissionais da educação. **SBC – Proceedings of SBGames**. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/32466621/A_gamifica%C3%A7%C3%A3o_da_educa%C3%A7%C3%A3o_na_compreens%C3%A3o_dos_profissionais_da_educa%C3%A7%C3%A3o. Acesso em abr. 2019.

GAROFALO, D. **Metodologias Ativas**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/como-as-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>. Acesso em abr. de 2019.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

GOMES, M.S.S.O.; BRITO, D.M. e MOITA NETO, J.M. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA – CBQ, 47, Natal, 2007. **Anais...** Natal, 2007.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LEITE, B. Gamificando as aulas de química: uma análise prospectiva das propostas de licenciandos em química. **RENOTE**, v. 15, n. 2, p. 1-10, 2017.

LEMO, A.; JOSGRILBERG, F. **Comunicação e Mobilidade**. Aspectos Socioculturais das Tecnologias Móveis no Brasil. Salvador: Edufba. 2009

LOBATO, A. C. **A abordagem livros de química**: uma análise crítica. Monografia de especialização. Belo Horizonte, 2007, CECIERJ. 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.

MACEDO, L. de Situação-problema: forma e recurso de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem escolar. *In: PERRENOUD, P. et al. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

MIRANDA, D. G. P; COSTA, N. S. **Professor de Química: Formação, competências/habilidades e posturas.** 2007

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas-SP: Papirus Editora, 2000.

MORAN, J., MASETTO, M. & BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MORAN, J. Novas Tecnologias e o Reencantamento do Mundo. **Revista Tecnologia Educacional.** Brasil, v. 23, n.126, 1995.

MORAN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas.** 2013. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em abr. 2019.

OLIVEIRA, R.C.; MAFRA, R.; ENGEL, R. Gamificação como inovação nas disciplinas do curso de Nutrição: oportunidades e desafios. **Revista Científica Sophia.** Balneário Camboriú-SC, v. 1 n. 1, p.90-102, 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação, Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Química.** Curitiba: SEED, 2008.

PELIZZARI, A.; KRIEGL, M. L.; BARON, M. P.; FINCK, N. T. L.; DOROCINSKI, S. I. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **Rev. PEC,** Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: <http://files.gpecea-usp.webnode.com.br/200000393-74efd75e9b/MEQII-2013-%20TEXTOS%20COMPLEMENTARES-%20AULA%205.pdf>. Acesso em abr. 2019.

PIAGET, J. **O raciocínio na criança.** Rio de Janeiro: Real, 1967.

ROCHA, F.; MARIA, A.; CASTRO, F. S. Ambiente de Ensino de Química Orgânica Baseado em Gamificação. *In: Simpósio Brasileiro de Informática na Educação.* Vol. 24. N. 1. **Anais [...].** 2013.

SANT'ANNA, A. A história do lúdico na educação. **REVEMAT.** Florianópolis-SC, v. 06, n. 2, p. 19-36, 2011.

SANTANA, O. A.; FONSECA, A.F.N.; MOZENA, E. **Ciências Naturais,** Manual do Professor, 9º ano. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

SILVA, S. G. As principais dificuldades na aprendizagem de química na visão dos alunos do ensino médio. *In: IX Congic,* p. 1612-1616, julho 2013.

SOARES, M. H. & BARBOSA, Flora. **O lúdico em química**: jogos e atividades lúdicas aplicados ao ensino de química. 2004. 195 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

SOUZA, *et al.* **Dificuldades de Aprendizagem em Química de Alunos do Ensino Médio na Escola Cônego Anderson Guimarães Júnior**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA18_ID11489_16082016235818.pdf. Acesso abr. 2019.

O ENSINO REMOTO E OS IMPACTOS NAS APRENDIZAGENS

Edilane Carvalho Teles²⁸

Adriana Maria de Almeida Campana²⁹

Fabiana Nascimento³⁰

Suéller Costa³¹

RESUMO

O presente texto é parte de uma pesquisa em andamento sobre o ensino remoto, a partir da escuta de pais, discentes e docentes sobre suas experiências ou a ausência delas com a educação formal, durante o período de distanciamento social, decorrente da pandemia da Covid-19. Para tanto, este trabalho propõe um estudo de recepção e análise das interpretações discursivas dos sujeitos, cujo escopo é promover uma sistematização sobre a educação neste formato. Trata-se de pesquisa qualitativa de metodologia participante, com vistas a elaborar um mapeamento sobre os entendimentos iniciais das aprendizagens construídas no período. Como resultado, vislumbra a ampliação de projetos desafiados pela inclusão e usos das tecnologias como meios para promover o ensino, na elaboração de referenciais sobre a cognição discente com as atividades atuais e o pós-pandemia.

Palavras-chave: Ensino remoto. Aprendizagens. Pesquisa de recepção. Tecnologias. Compreensões.

REMOTE TEACHING AND IMPACTS ON LEARNING

ABSTRACT

This text is part of an ongoing research about remote education, based on listening to parents, students and teachers about their experiences or their absence of formal education, during the period of social detachment, resulting from the Covid-19 pandemic. Therefore, it is proposed

²⁸ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. Coordenadora do Observatório de Educação Midiática e Tecnológica na formação docente. E-mail: edilaneteles@hotmail.com.

²⁹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/DCH III/UNEB). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Educação Contextualizada, Cultura e Território - EDUCERE. Email: didacampana@yahoo.com.br.

³⁰ Graduanda de Pedagogia, Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Universidade do Estado da Bahia. Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Pernambuco (UPE). Monitora do Observatório de Educação Midiática e Tecnológica na formação docente. E-mail: fabilogica6@gmail.com.

³¹ Jornalista, Educadora, Educomunicadora e Pesquisadora. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Educomunicação, Tecnologias na Aprendizagem e Alfabetização e Letramento Digital. Atua como professora da Educação Básica, colunista especializada em textos voltados a educação e cultura, articuladora de projetos educacionais no ensino formal e não-formal. E-mail:

as a study of reception and analysis of the discursive interpretations of the subjects, whose scope is promote a systematization about education in this format. It's a qualitative research of participant methodology, with a view to elaborating a mapping on the initial understandings of the learning built in the period. As a result, it envisages the expansion of projects challenged by the inclusion and uses of technologies as means to promote teaching, in the development of references on student cognition with current activities and the post-pandemic.

Keywords: Remote education. Learning. Reception research. Technologies. Understandings.

ENSEÑANZA REMOTA E IMPACTOS EN EL APRENDIZAJE

Este texto es parte de una investigación en curso sobre educación a distancia, basada en escuchar a padres, alumnos y docentes sobre sus vivencias o su ausencia con la educación formal, durante el período de desapego social, producto de la pandemia de Covid-19. Por tanto, se propone como un estudio de recepción y análisis de las interpretaciones discursivas de los sujetos, cuyo alcance es promover una sistematización sobre la educación en este formato. Investigación cualitativa de metodología participante, con miras a elaborar un mapeo de las comprensiones iniciales de los aprendizajes construidos en el período. Como resultado, contempla la expansión de proyectos desafiados por la inclusión y uso de tecnologías como medio para promover la docencia, en el desarrollo de referencias sobre la cognición del estudiante con las actividades actuales y la pospandémica.

Palabras clave: Educación a distancia. Aprendizaje. Búsqueda de recepción. Tecnologías. Comprensiones.

1 Introdução

Este ensaio propõe uma sistematização com reflexões iniciais sobre as aprendizagens promovidas no período escolar com o ensino remoto³². Para tanto, foram realizadas entrevistas com estudantes, pais e professores de diversos segmentos de ensino, as quais identificaram a presente temática como um dos destaques da investigação, questionada pela maioria dos colaboradores. Assim, inicia-se: É possível mensurar os impactos nas aprendizagens de estudantes com o ensino remoto? A urgência da pergunta e das possíveis respostas são variáveis contínuas nas práticas pedagógicas atuais, que deverão ser investigadas e compreendidas ao longo de um processo de observação e pesquisa das

proposições formativas, quando o ensino ‘regular e presencial’ for possível, com a retomada das atividades, com uma maior frequência e acessibilidade.

No contexto hodierno, é quase óbvio considerar que, se antes a parceria entre pais, responsáveis, docentes e discentes com as instituições para a construção e o fortalecimento dos processos de ensino e aprendizagem era necessária, atualmente, com o formato ‘temporário’³³ do Ensino Remoto (ER), tornou-se urgente. Outro aspecto a ser considerado é o ensino distanciado, com o qual professores e alunos não estão próximos durante os atos de ensinar e aprender, tensionando ulteriormente as práticas pedagógicas, desafiando os currículos a serem melhor compreendidos, uma vez que a interação e o acompanhamento tornaram-se ainda mais distantes, exigindo, portanto, proposições diversas quanto à sua realização.

A princípio, cabe destacar que a Educação Brasileira, com todos os desafios e dificuldades quanto aos índices de qualidade, nunca alcançou a equidade descrita e proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), portanto, não vivíamos uma ‘normalidade’ na educação. Muitas questões continuavam/continuam pendentes, principalmente relacionadas à melhoria das formações dos sujeitos nos diversos segmentos de ensino. Afinal, o que é normal?

Nesse sentido, considerar os construtos e resultados do imprevisto da situação emergencial como um ‘novo normal’, sem o acréscimo dos problemas que não estão relacionados exclusivamente ao ER, evidencia, tentando ocultar, que apenas grupos privilegiados com acesso às tecnologias e à internet estão ‘aptos’, expondo, assim, o fosso das desigualdades entre o ensino público e privado. Portanto, não vivemos um ‘novo normal’, pois não se pode normalizar uma situação, na qual muitos cidadãos sequer são considerados com políticas públicas que os ampare, com medidas para a garantia da educação na modalidade que foi aprovada, para dar início e/ou continuidade ao ano letivo, enquanto espera-se o retorno das aulas presenciais.

Faz-se necessário destacar que o ER é uma proposição emergencial que se configurou como uma ‘alternativa’, adotada pelas secretarias de educação e redes de ensino diante da situação que o país vive. Como um ‘novo sistema’ traz desafios, aprendizagens e prejuízos à

comunidade escolar, exponenciados pela falta de organização e convergência nacional, cada um dos órgãos - regionais, estaduais, territoriais, público e privado - desenvolveram as atividades do próprio modo. De certa forma, pode ser considerado salutar pela possibilidade de construção contextualizada, a partir dos próprios sujeitos da escola e realidades nas quais estão inseridos. Entretanto, não pode servir como ‘desculpa’ para o ‘esquecimento’ de uma grande parcela de estudantes que não tem facilidade de acessos, portanto, ficam à espera e fora dos construtos realizados atualmente, ampliando, assim, a exclusão.

Dito isso, existem ainda os docentes que encontram-se frente às invenções pontuais, realizadas nas práticas pedagógicas, enfrentando o despreparo para um ensino diverso das experiências que conheciam até o momento. Nesse processo, a educação remota esbarra em algumas questões a serem consideradas: a) as realidades de cada família, localidade e região, escancarando a desigualdade social; b) as estratégias pedagógicas adotadas nos variados grupos, os quais revelam as dificuldades enfrentadas por pais, alunos, professores e instituições de ensino; c) os acessos e não acessos à internet; d) a falta de computadores e celulares para a realização e acompanhamento das atividades; e) a falta de espaço ‘adequado’ para os estudos; f) a baixa escolaridade dos genitores em muitos contextos.

Os tópicos aqui elencados emergiram a partir da escuta dos colaboradores da pesquisa, como alguns dos fatores que intensificaram as tensões e, principalmente, os percursos formativos, especificados como “angústias” (como muitos denominam), uma vez que muitas mães (maioria que acompanha a educação dos estudantes) não se sentem capazes de ajudar as crianças e os adolescentes nas tarefas escolares. Além disso, muitas precisam trabalhar em meio à pandemia para manter o sustento de si e da família, não podendo acompanhar as aulas remotas dos filhos. Outro dado a considerar é que, na maioria dos depoimentos (coletados por meio de entrevistas e pelas respostas recebidas nos formulários), especificamente das instituições públicas, só a mãe, o pai ou outro responsável dispõem de um aparelho para o uso de internet.

Assim, as dificuldades de contato, interação e diálogo, que ajudam a esclarecer as formações, cresceu muito no período de fechamento das escolas e universidades, cenário incerto nos próximos meses, pois, sem o controle da pandemia, continuamos obrigados a manter o distanciamento. Outro aspecto muito evidenciado na escuta dos sujeitos, como algo que interfere na aprendizagem, é potencializado pelos ‘ruídos’ gerados pela má e/ou ausência de comunicação clara, objetiva e fundamentada na ciência, o que impede as famílias de

entenderem, de fato, o que deve ser feito e como encaminhar o ensino no âmbito familiar, num percurso que envolve saúde e educação.

Nesse sentido, a pesquisa propõe transversalizar e compreender o pouco que foi possível mapear até o momento sobre a aprendizagem deste período, individualizando algumas medidas propostas, como, por exemplo, a necessária ampliação da comunicação entre os grupos, para promover mais explicações sobre a situação educacional e a implicação sanitária, e, assim, analisar parte das estratégias escolhidas, tais como: o envio de atividades fotocopiadas, segundo as instituições, distribuídas “*no maior cuidado e rigor que o momento pede*”- afirmam -, as quais, de acordo com algumas reflexões, são pouco satisfatórias; as videoaulas, que evidenciam, para alguns, os espaços institucionais de aprendizagem do ensino formal na tela dos dispositivos, numa proposição que se autodenomina ‘mais interativa’ em plataformas digitais, apenas para destacar as mais citadas. O ER tem sido uma ‘mescla’ de muita invenção criativa e de dificuldades enfrentadas, com uma coragem e insistência que apontam a relevância dos movimentos e das ações docentes, sobre a interface da educação com a comunicação no diálogo com as tecnologias, esta última vista como uma barreira na formação inicial e na prática profissional.

No cenário que se forma paulatinamente, fica explícito que aprender é um processo muito mais complexo do que se imagina e que não basta apenas transmitir uma informação e/ou conteúdo. Se antes da pandemia era desafiador unir escola e comunidade, agora ficou ainda mais difícil, portanto, questionamos: como construir no mundo *on-line* e em distanciamento social uma relação e estrutura de apoio aos discentes, docentes e a comunidade numa sociedade tão desigual?

A seguir, serão destacadas algumas referências que são resultados da escuta sobre os percursos das aprendizagens realizados neste período, buscando evidenciar, em meio ao caos, construtos que ampliem os entendimentos do ER, como algumas estratégias que poderão orientar os aprendizados para o futuro do pós-pandemia, se possível.

2 Reflexões sobre as aprendizagens

Investigar a eficácia da aprendizagem durante o ER é uma das principais dificuldades para professores, pais e, inclusive, os estudantes. Embora parte das atividades escolares continue sendo realizadas com diferentes estratégias, metodologias e recursos, com o destaque de que ‘ainda’ precisam respeitar a diversidade dos cenários e, em especial, a realidade dos

milhões de alunos brasileiros, ainda é muito difícil, para o público envolvido, avaliar se, de fato, tudo o que está sendo ‘transmitido e/ou proposto’ pelo ‘atual’ modelo de ensino vem sendo assimilado e aprendido. Podemos ao menos afirmar que está sendo significativo? O que encontramos são respostas ainda pontuais e não mapeadas, por isso, a presente tentativa.

Inicialmente, foram muitas as dificuldades, afinal, era uma novidade e todos se surpreenderam ao terem que mudar suas rotinas, transformar os seus lares, reestruturar os cotidianos familiares para integrar as atuais com as novas responsabilidades, dentre elas, a de mediar os estudos dos filhos. Ainda não acabaram, mas podemos dizer que amenizaram para alguns, após meses de experiências. Apesar disso, ainda é difícil acompanhar tudo o que vem sendo realizado no âmbito educativo, sobre o qual pode-se considerar que as mudanças comportamentais para se ajustar ao cenário que se formou têm sido notáveis, e, com isso, o processo de ensino e aprendizagem vem sendo efetuado em diferentes maneiras, tentativas, que defendemos, precisam ser mapeadas. Muitas escolas nunca pararam, os ambientes é que mudaram, assim, o educar (mesmo limitado e diverso) se manteve presente, bem como o aprender.

No entanto, após aproximadamente nove meses (*considerando o tempo corrente até a escrita deste artigo*)vivenciando o ER, superando dois semestres letivos, e, por sua vez, quatro bimestres, pois o cronograma escolar, em boa parte das redes de ensino, foi seguido, pode-se afirmar que a aprendizagem está sendo mais efetiva para aqueles que estão tendo acesso a ela? Ao analisar esta questão, outra vem à tona: será que os alunos estão aprendendo? E, se sim, mais ou menos em comparação com as aulas presenciais? São muitas as indagações e em sequências, cujas reflexões e respostas diferem conforme o perfil de cada um que integra os diversos espaços e segmentos.

Para compreender esses processos, é preciso promover estudos de natureza cognitiva, de escuta e análise das aprendizagens, para interpretar os modos como os sujeitos veem os próprios construtos, nos quais a ciência cognitiva é uma referência para elucidar tais elaborações. Esta área busca compreender o funcionamento e os modos como se desenvolvem os vínculos biológicos, culturais e sociais. Portanto, é importante se voltar à interpretação da capacidade de adaptação e aprendizagem diante das barreiras encontradas diante da interação com os dispositivos tecnológicos, que ganharam outra dimensão quanto à interatividade e elaborações no cotidiano. Como afirma Legrenzi (p. 148, 2003, tradução nossa),

[...] A seleção natural é impulsionada por "erros" na replicação, a seleção "artificial" induzida pela competição é o menor dos males possíveis, dada a miopia da racionalidade restrita. As noções de inovação e progresso são de verão, por sua vez, esvaziadas pelos triunfalismos do século passado. Foram precisamente as ciências cognitivas que nos mostraram como o conhecimento científico, em geral, não pode se orgulhar da descoberta de verdades definitivas. Não construímos uma montanha de certezas esplêndidas, mas apenas pilhas de resíduos, consistindo no aumento progressivo das hipóteses sobre o funcionamento do mundo que sabemos serem falsas.³⁴

Portanto, temporárias na construção dos entendimentos. Algumas reflexões docentes:

a) a avaliação e acompanhamento ainda é um desafio, mas, em vista do que muitos vêm realizando, parte dos entrevistados acredita que *“de certa maneira”* seus alunos estão aprendendo, cada um do seu modo e de acordo com as suas limitações, interações e acessos; b) para aqueles que podem usufruir dos recursos tecnológicos, as atividades e demandas na realização da própria práxis pedagógica aumentaram, tensionando os tempos do trabalho docente, ou seja, fica-se mais tempo nas elaborações das atividades, a priori, por serem diversas das implementadas presencialmente, o que requer formação continuada, porque os formatos são outros; c) nas interações síncronas e assíncronas, a ‘personalização’ do ensino, o acompanhamento de alguns grupos subtendem uma maior proximidade dos alunos, entretanto, reafirmando o acréscimo da carga de trabalho, numa invasão do contexto laboral na vida familiar e privada; d) para outros, ao utilizar diferentes estratégias, as tecnologias ajudam a ampliar a abordagem dos conteúdos, e, ainda, permite que educadores e educandos se tornem, na medida do possível, mais próximos, porque podem realizar aulas não só em grupo, como também no individual, a fim de atender às dúvidas de suas turmas. Entretanto, isso requer tempo e disponibilidade laboral, aspecto pouco considerado na carga horária docente.

O professor de Literatura e Artes, C. E. E., por exemplo, afirma que tem *“aproveitado estas possibilidades de trabalho”*. Leciona para as suas turmas diariamente, com aulas ao vivo, e conta que, pelas áreas que atua, tem se beneficiado com o acesso à internet.

“Na hora da aula, eu apresento livros, músicas, peças de teatro, museus, vídeos, promovo visitas virtuais a espaços culturais. Adiciono links que dialogam com meus temas e ilustram minhas explicações, para os alunos

vivenciarem o que estou abordando. Creio que o aprendizado é ampliado, e a internet, quando bem utilizada, intensifica os conhecimentos. Eu acredito no ensino remoto, e ele vai continuar, e gostei muito de, na prática, mostrar aos meus alunos como podemos usar a internet para o nosso benefício. Percebo e vejo que a aprendizagem pode crescer, principalmente, com a nossa orientação, pois precisamos mostrar para o público discente que estes recursos são benéficos para eles”.

Por outro lado, aqueles que possuem em suas turmas alunos com dificuldade de acesso à internet e aos aparatos tecnológicos percebem maior desigualdade no aprendizado. Muitos não conseguem acompanhar as videoaulas, receber os materiais enviados e realizar as atividades propostas. Embora algumas unidades escolares organizem materiais impressos e se desdobrem para entregá-los aos educandos, eles não recebem a explicação do professor. Desta forma, como ficam as orientações? Para esta parcela estudantil, muitos educadores buscam estratégias para se aproximarem, como ligações telefônicas e mensagens rápidas pelo *WhatsApp*, que não demandam muitos dados para serem baixadas. Indo muito além de suas obrigações laborais, pode-se afirmar, realizando ações que deveriam ser promovidas e efetivadas com a parceria e responsabilidade das instituições educacionais que orientam e definem as políticas educacionais para o Estado e o país.

Apesar disso, é uma forma de não os privar de um de seus direitos mais básicos, que é o de estudar. Com relação às aprendizagens, é difícil avaliar, mas há a certeza de que os públicos mais carentes estão entre os mais prejudicados ao longo deste ano escolar, embora os indícios sejam nessa direção por conta da ausência de continuidade de diversas formas para estes grupos. Assim, são eles que deverão receber uma maior atenção quando houver o retorno do ensino presencial, buscar maior equilíbrio entre aqueles que tiveram menos acesso nos diversos segmentos de ensino.

3 Entendimentos dos genitores

Para os pais, as opiniões também divergem. Muitos deles acreditam que os filhos não deixaram de aprender, em vista da preocupação da escola em não permitir que isto aconteça, conforme relata a mãe G.O.L.L, que tem um filho no 3º ano do Ensino Fundamental I e estuda numa escola particular.

“Não acredito nessa concepção de que aprendem menos. Acompanho meu filho de 8 anos, e as suas aulas acontecem on-line. O método já era

apostilado e continua, e, agora, eles contam com o suporte da plataforma digital da editora. São diversos recursos de apoio para que as atividades aconteçam, portanto, se o processo de aprendizagem, por parte da criança, for mais lento, é possível recuperar durante as aulas. O tempo todo a professora solicita as respostas de forma individual pelo chat, verificando se a criança está compreendendo ou não”.

No entanto, a avaliação também a preocupa, porque ela acompanha o rendimento do filho, mas não sabe como a escola fará este estudo. Continua:

“Neste modelo de ensino, a única mudança em questão, no meu ponto de vista, é na forma de como a professora faz a avaliação geral do desempenho do aluno, tendo em vista que, por enquanto, não recebi nenhum boletim informativo deste ano letivo”.

Embora os conteúdos sejam transmitidos, a preocupação é se as crianças e os adolescentes estão compreendendo e aprendendo tudo o que vem sendo compartilhado por seus educadores. Para a mãe D. O., a situação é mais complicada, principalmente, por conta do contato humano, porque muitos professores cativam seus alunos pela presença, envolvimento e afeto. Às vezes, uma matéria é difícil para um aluno, mas a disposição da professora o ajuda a se interessar e a aprender. No remoto, também há a atenção dos educadores, no entanto, a sociabilidade faz falta, e a vivência que a criança tem no ambiente escolar também auxilia no seu aprendizado. Seu filho estuda no 1º ano do ensino fundamental I, e, desde o início, tem acompanhado as atividades. As aulas eram gravadas, os pais assistiam juntos, ajudando a realizar as propostas, inclusive, as práticas.

“Agora, as aulas são ao vivo, e a escola nos orienta a não ficarmos do lado das crianças. O ensino é entre o professor e o aluno. Mas não é a mesma coisa. Acredito que meu filho regrediu, em vista do tanto que ele aprendeu no ano passado. Não vi o avanço no seu aprendizado, e sinto que ele, às vezes, está mais desinteressado, porque o ambiente é muito diferente. A criança se dispersa demais, ela precisa ter um espaço reservado para os estudos, encontrar os amigos, socializar com a professora. É muito difícil manter o foco dentro de casa”.

Já a mãe F.A.M., que tem um filho adolescente, que estuda no 9º ano, afirma que tem sido difícil incentivá-lo. O jovem estava se preparando para fazer os processos seletivos para as escolas técnicas da região onde reside, e, agora, se vê prejudicado.

“Vejo desânimo e desinteresse. Antes, quando ele chegava da escola, contava sobre as aulas, o que tinha aprendido, o que os professores haviam

preparado. Compartilhávamos, e ele era animado. Agora, não é mais assim. Ele tem acompanhado as aulas remotas, mas as atividades são feitas porque eu o obrigo. Quando preciso, até tiro algo, como o videogame, para ele voltar aos estudos. Com certeza, está muito difícil, e eu me preocupo. Eu me esforço para incentivá-lo, porque, ao menos, ele continua lendo, escrevendo, estudando, exercitando o seu cérebro”.

Como visto, não há uma convergência quanto as opiniões sobre as aprendizagens dos filhos, os entendimentos ainda são pontuais e situados, específicos de cada contexto familiar e grupo escolar que participa, restando, portanto, suprir a lacuna quanto à construção dos referenciais que nos ajudem a compreender com os aprendizes e aqueles que os acompanham como realizam as elaborações que dão sentido à produção de conhecimentos.

4 Escuta dos discentes

Para os alunos, a socialização entre os amigos e professor é o ponto mais evidenciado. Sentem muita falta desta convivência, e, mesmo que realizem alguns encontros virtuais, o contato humano é incomparável. Para eles, estas relações os animam para ir à escola, e, por sua vez, a aprender. E, como estão cada vez mais distantes, o desânimo acaba prejudicando o rendimento escolar. O aprendizado continua, mas, no geral, acreditam que, em comparação com o ensino presencial, de fato, estão aprendendo menos. Apesar das inúmeras possibilidades de aprendizagem que as tecnologias propiciam- quando usadas com a intencionalidade pedagógica-, nada substitui o contato com o professor, que não deixou de tirar as dúvidas dos alunos no modo remoto, cuja presença é essencial, o que fortaleceria o estímulo em aprender.

Muitos estudantes não estão gostando do ER, principalmente, os menores, que são acostumados a receber, diariamente, um forte abraço de seus professores, além de uma atenção especial, como destaca D. O., 7 anos, que está no 1º ano do Ensino Fundamental I.

“Eu estou aprendendo menos, porque, nas aulas, a gente fala, e a professora não consegue escutar. Ela não me ouve, e, quando a gente fala, todo mundo quer falar ao mesmo tempo, aí eu não aprendo. Eu quero voltar para a minha escola, assim não está legal”.

Para as crianças, manter o foco é muito difícil e, apesar de ainda serem pequenos, já percebem que, neste ano, estão aprendendo bem menos em comparação ao que estudaram no ano passado, como relato de H.O.L.L, de 8 anos, que está no 3º ano do Ensino Fundamental I.

“Estou aprendendo menos, a professora disse que, se estivéssemos na escola, teria muito mais folhinha, muito mais trabalho, caderno e livro. Mas isso não quer dizer que não estou aprendendo, porque é para isso que a escola serve, para ter respeito e aprender sobre as coisas”.

Os adolescentes também têm tido dificuldade para se concentrar, e, principalmente, se sentirem engajados. Muitos dizem que realizam as tarefas para cumprir as suas obrigações, mas não tem sido efetivo, além de interessante, como relata J. H.S., 14 anos, estudante do 9º ano, do Ensino Fundamental II.

“É horrível estudar assim, sem ter o professor perto para tirar as dúvidas, eu estou aprendendo bem menos. Na verdade, eu não tenho nenhuma vontade de fazer as atividades. Estudar assim não traz interesse para nós. Meus amigos também não estão fazendo os exercícios. Eu só faço porque a minha mãe obriga. Queria mesmo estar na escola com meus professores e amigos. Estudar sozinho em casa é muito ruim”.

Para os que estão no Ensino Médio, a sensação de que tiveram o seu aprendizado comprometido é ainda maior. Parte deles estava focada com o ingresso nas universidades, que exige preparação. Embora tentem estudar, a concentração sempre é prejudicada, porque é preciso estar em um ambiente adequado, que não os dispersem, como as suas casas, como compartilha o estudante G.F., do 3º ano do Ensino Médio.

“Com toda a certeza, estou aprendendo menos. Mas ninguém estava preparado para este fenômeno. Os alunos, professores, a escola como um todo. A mudança nos horários e a colisão com a nova rotina estabelecida gera um estresse maior ao focar nos estudos. Isso faz com que a maioria dos alunos evite isso e não consiga aprender o mesmo do que na escola. Pelo menos é o que eu sinto e vejo na minha situação. Estou generalizando, mas acredito que meus colegas podem se encaixar no mesmo aspecto”.

As experiências dos estudantes do ensino universitário também não são positivas. Por abrangerem áreas mais específicas, e que, no geral, aliam a teoria à prática, não tem sido fácil se readaptar a horas sentados em frente ao computador. Por mais que os professores se esforcem para dar continuidade aos conteúdos, não desestimulem seus alunos e se mostrarem presentes, nada se compara com o que aprendiam no modo presencial, como relata a estudante P.S., 19 anos, que está no 4º semestre do curso de Fisioterapia.

“Eu faço faculdade Fisioterapia, e há um semestre estamos no ensino remoto. Não tem sido legal, pois, como sou da área da saúde, isto prejudica bastante o ensino, há muitas matérias que precisam ser na prática. Acho que no remoto devíamos aprender os temas mais básicos, e nem estes estamos conseguindo assimilar. Não me adaptei”.

O saldo, por assim dizer, das respostas discentes também tendenciam para um aprender mais limitado ou até mesmo um aprender menos, como um processo que aguarda retorno à ‘normalidade’ conhecida, para assim, ‘aprender de fato’. É prematuro afirmar sobre as aprendizagens, entretanto, precisamos no mínimo compreender as nossas construções e entendimentos deste período, num exercício metacognitivo para ampliar as escolhas e decisões dos percursos de ensino.

5 Algumas reflexões sobre a pesquisa em andamento

Muitas dúvidas surgem diante do novo formato com aulas remotas, principalmente, se os alunos aprendem da mesma maneira que em sala de aula. Ou deixam lacunas e trazem prejuízos? Por isso, a pesquisa partiu da escuta de professores, pais e dos próprios alunos sobre o que pensam a respeito, sobre o que dizem dos processos e das propostas realizadas, que afirmam, *“deixam a desejar”* no quesito aprendizagem.

Os professores destacam como foram *“pegos de surpresa”*, e claro, todos nós fomos, o quanto é difícil aprender *“tudo sobre o uso e consumo das tecnologias”*, e, além disso, usá-las com *“eficiência”*, de que deve-se enxugar ao máximo todo o conteúdo para que a aula não fique tão extensa, o que gera uma certa instabilidade, pois presencialmente os alunos podiam interromper e tirar suas dúvidas. Agora, atrás de uma tela, fica mais difícil, pois nem sempre as aulas são ao vivo, visto que a internet que é fornecida também não dá conta da demanda e quantidade de acessos. Com a pandemia, mais pessoas estão em casa, e isso acarreta um tempo maior de conexão, fator que contribui para que as redes fiquem mais lentas. Assim, por conta de todos esses *“entraves”*, muitos acreditam que o ER não favorece a aprendizagem do aluno, como afirma outro entrevistado:

“O aluno aprende, porém de forma retórica, ou seja, o professor precisa estar sempre retomando ao conteúdo e instigando a realizar atividades que dialoguem com o que vem sendo trabalhado. O problema é que muitos alunos não dão importância a esse novo modelo de ensino, fazendo com que se torne ineficaz, pois a família também contribui para tal problemática, uma vez que cobra por desconto da mensalidade, mas não interage nem senta com seu filho. Já no ensino público, temos vários contextos sociais que, infelizmente, fazem com que ele não chegue a todos, daí a quebra da relação ensino/aprendizagem, já que o segundo depende do primeiro. Dessa

forma, temos a segregação de classes, uma vez que o aluno da rede privada acaba tendo mais benefícios em meio a esse novo método educacional". (Professor da rede privada e pública).

Com esses e outros depoimentos é possível perceber a exclusão dos alunos da escola pública, vistos como diferentes, cujo problema crônico da sociedade brasileira precisa ser revisto, além do distanciamento entre educação e comunicação, no entendimento de uma cultura digital e no trato com as tecnologias e mídias nos processos formativos. Embora nunca tenha tido tanta necessidade do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) em sala de aula, como afirmou Alves (1998), em estudo realizado em outro tempo e contexto, os professores temiam o uso dos computadores quando surgiu a informática, pois sabiam que chegava para ocupar espaços, e, com isso, vinha o medo da substituição. Talvez este tenha sido um dos motivos, pois, em nossa história, os projetos de inclusão e usos eram, e ainda são, limitados, muitas vezes considerados como 'ferramentas e instrumentos' a serem utilizados na educação, num entendimento mecanicista e instrumental nos discursos e nas práticas. Assim, fala-se sobre um contexto que acontece num imbricamento hipertextual, pois

Nossos conceitos, nossas ideias, nossos pensamentos encontram na linguagem, falada e escrita, as formas "eletivas" de implementação e comunicação humana; a palavra e os textos, escritos, literários, musicais, icônicos, representam os instrumentos simbólicos de nossas expressões. Eles devem ser lidos, interpretados, "usados". Filósofos, semiólogos, textualistas, críticos literários adotaram ou estão realizando, mais ou menos conscientemente, um tipo de prática "hipertextual" em sua atividade de pesquisa.³⁵ (VARISCO, 1995, p.12, tradução nossa)

Por isso, a necessária formação docente com as muitas proposições e modos diversos de apropriação, que ficaram no campo do discurso e não da experiência praxiológica e pedagógica, além do uso pessoal e individual que se faz. O momento urge como um espaço de reflexão sobre como os diversos sujeitos e instituições pensam agora quanto aos usos das tecnologias para a construção das aprendizagens e não somente de 'distração', de entretenimento. Alguns pais foram bem positivos quanto aos ensinamentos, uns dizem que o filho está conseguindo manter o ritmo de aprendizagem, uma vez que o sistema pelo qual assistem às aulas tem melhorado bastante, e, se no início era reduzido a uma atividade por semana, agora são duas por dia, o que contabiliza dez atividades semanais.

Outro ponto importante é pensar que os pais precisam ter disponibilidade em algum momento do dia para ajudar seus filhos se querem que o sistema se torne mais eficaz, mesmo antes do ER era necessária a presença dos genitores na escola. Então, por que agora seria diferente? Para muitos estudantes, sem o auxílio da família é mais difícil aprender, acaba se tornando algo muito mecânico e ensinar exige afeto de quem está por perto. Não basta ensinar através das telas, é preciso demonstrar interesse e dar importância ao que o aprendiz faz, seja na escola ou em casa.

Quando questionados sobre o ER, os alunos reclamam que a interação é diferente, como se fosse apenas eles e a máquina. Falam que, com a turma toda, aprendiam mais e melhor, porque eles se divertiam, *“usar o computador é bom, mas, para aprender os conteúdos da escola, é chato”*, quando se tem que ficar sentado só prestando atenção no que o professor está explicando. Aprender em sala de aula já é um tanto complicado porque existem muitos fatores que complexizam o processo, como, por exemplo, o barulho, principalmente para aqueles que precisam de uma atenção especial para entender melhor, as aulas sustentadas numa perspectiva de currículo tradicional, centrada nos conteúdos, dentre outros. Se antes já havia dificuldades de aprendizagem presencialmente, com as aulas remotas não seria diferente.

A pesquisa tem demonstrado que é possível perceber a urgência e necessidade em explorar novos conhecimentos que busquem interligar as interfaces educação e comunicação, visto que uma depende da outra. Salientando ainda que a aprendizagem está em toda parte, tanto nos espaços formais, como na escola; quanto nos informais, como em casa e nos diversos ambientes externos; e, ainda, nos digitais, como nos jogos eletrônicos, nas plataformas, nas redes sociais e nas interações promovidas no ciberespaço.

6 Considerações finais

Até o momento, são muitas elaborações e experiências misturadas:

- Do planejamento à produção de ‘teleaulas’, desafiando os docentes a interagirem e aprenderem mais sobre as TIC’s;
- A diversidade de acessos às tecnologias por discentes e docentes;

- O contexto profissional e a problemática de que muitos professores têm/tinham contratos temporários de trabalho, muitos destes sendo desligados, demitidos ou com carga horária reduzida;

- A interação e compreensão com realidades nas quais as atividades ou até mesmo o ano letivo, para alguns, sequer começou;

- O despreparo formativo e profissional para a modalidade a distância e a ‘temporalidade’ do remoto, portanto, a necessária investigação sobre formação inicial e continuada, no acompanhamento dos docentes nesse percurso, como uma das questões-chave para a valorização, qualificação e reconhecimento das muitas formas criativas e inventivas vistas neste período, configurando, assim, referências para o ensino atual e no pós-pandemia;

- Promover mais a formação e o acompanhamento das ações docentes, pois a criação das alternativas do ER é de responsabilidade de todos;

- As respostas indicam como a concepção tradicional de educação, fragmentada e dos conteúdos como centro do processo de aprendizagem, é muito presente nos contextos de todos os colaboradores;

- A experiência pedagógica com o ER tem se configurado em uma experiência filtrada pelas telas dos dispositivos;

- Por fim, a necessária elaboração de um mapeamento das aprendizagens discentes ainda por construir, a partir da escuta das crianças, adolescentes e jovens, comparando com as proposições do currículo, através de uma avaliação contínua como referimento às próximas elaborações educacionais.

Acima, são apresentadas algumas das questões-problema, evidentes mais para uns grupos do que para outros, assim como, entre os segmentos, é o caso da educação infantil, que viu suas proporções serem reduzidas ou de suspensão das atividades, como, por exemplo, a diminuição de carga horária laboral de docentes e até demissão de muitos destes profissionais, realidade vista e ampliada para os outros ciclos de ensino. Acrescenta-se, ainda, que as dificuldades sentidas e de enfrentamento dos docentes acabam por refletir na família e nos estudantes, e vice-versa, uma vez que são os pais que ficaram a cargo da educação dos

filhos, com o acompanhamento a distância dos docentes. Portanto, as dificuldades de criação e novos hábitos, assim como das aprendizagens, foram para todos.

Nesse processo de continuidade do ano letivo com o ER, por conta da pandemia da Covid-19, todos enfrentam desafios com os percursos metodológicos e tecnológicos, vistos como meios de ancoragem e realização de experiências ‘inéditas’, apesar de não chegarem à maioria da população estudantil brasileira, por inúmeros motivos, econômicos, políticos, geográficos e de conexão. Configurando, assim, os primeiros desafios, de apropriação dos modos de fazer remotamente com as tecnologias, na garantia dos direitos de inclusão e acessos à educação. Diante das problemáticas apresentadas pelos colaboradores, finalizamos estas breves reflexões com uma pergunta: Sem o ER o que teríamos? A alternativa e proposta são emergenciais, portanto, temporárias.

Referências

ALVES, Lynn Rosalina Gama. Novas tecnologias: instrumento, ferramenta ou elementos estruturantes de um novo pensar? **Revista da FAEEBA**, Salvador, p. 141- 152, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

LEGRENZI, Paolo. **Prima lezione di scienze cognitive**. Bari, Italia: Editori Laterza, 2003.

VARISCO, Bianca Maria. Alle radici dell’ipertestualità. In: CALVANI, Antonio; VARISCO, Bianca M. **Costruire/decostruire significati**. Iper testi, microfoni e orizzonti formativi. Padova, Italia: CLEUP (Cooperativa Libreria Editrice), 1995.

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA – ENTREVISTA COM
ALEXANDRE BARRETO

Raphael Barbosa

O encontro com o professor Alexandre Barreto estava certo de acontecer pela manhã, mas pouco antes do horário combinado precisei remarcar para o turno da tarde, então foi ele quem precisou de mais tempo para chegar. Ambos nos expusemos à rua e assim nos atrasamos. Com a pandemia do Covid-19, as saídas de casa precisam ser calculadas, a fim de aproveitar o tempo e executar o máximo de tarefas de uma só vez. Acertamos os ponteiros e nos encontramos na minha sala do aplicativo de reuniões *Zoom Cloud Meeting*, mantendo o protocolo de distanciamento social. Pode-se dizer que Barreto é a expressão da Comunicação Não Violenta (CNV), sua fala é tranquila e sensata, sua concatenação ao elaborar o discurso aponta quase sempre para um equilíbrio possível, quando desejado com verdadeiro comprometimento. Reconhecido como um dos grandes pesquisadores e entusiastas das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) do país, atua na busca pelo reconhecimento e oferta das PICS no Sistema Único de Saúde – SUS. Natural de Recife (PE), há onze anos reside com sua esposa e filhos no sertão nordestino em Petrolina (PE), é psicólogo graduado pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), onde coordena o Colegiado de Psicologia e ministra aulas no curso de Psicologia e na Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Parte de seus estudos e atuação acadêmica concentra-se nas áreas da Psicologia Corporal e Educação em Saúde. Ao conversarmos sobre os desafios da Educação Pública durante a pandemia, Barreto afirma que esta é uma crise ainda maior por somar uma condição de extrema fragilidade sanitária mundial à gestão perversa do “bolsonarismo” no Brasil: Este Governo almeja o enfraquecimento intencional das instituições e universidades públicas brasileiras. A seguir, a íntegra da entrevista concedida pelo professor à Revista ComSertões.

Revista ComSertões — Quais são os desafios para a manutenção das aulas *online* na UNIVASF, no contexto da pandemia ocasionada pelo Coronavírus?

Alexandre Barreto — Tem vários aspectos aí. Na nossa universidade, o curso de Psicologia ao qual estou vinculado e todos os cursos ao nível de graduação e pós-graduação aconteciam presencialmente. Então, esse contexto de pandemia foi muito impactante, porque a única possibilidade de continuidade moveu a mudança: a migração total de um ensino presencial para o ensino digital, em contexto online. Do ponto de vista prático, acho que isso tem uma série de implicações. Por exemplo, existe toda uma justificativa e uma estruturação, dos projetos pedagógicos dos cursos, voltadas para a proposta de um ensino presencial. Tudo ficou em suspenso com essa questão do ensino online, com esse imperativo do Covid-19 e essa necessidade de continuidade no contexto online. É um aspecto muito delicado, que por um lado fere o projeto pedagógico do curso, pelo menos do ponto de vista do qual foi idealizado. Há ainda uma crítica importante que se tem acerca da não adequação do curso de graduação em Psicologia para a modalidade online. São críticas históricas que os Conselhos de Psicologia, que o Conselho Nacional de Saúde (CNS) e que a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP) têm em relação a essa ideia de um curso de graduação em Psicologia poder acontecer de forma online. Ao mesmo tempo essa situação foi um imperativo e a gente teve que se adaptar a ela de imediato. Diante disso, fica o medo, uma preocupação, do ponto de vista ético e político, com a qualidade do ensino, com a qualidade da formação dos graduandos. Essa preocupação tem uma relação direta com as críticas que estão na base da formulação do projeto pedagógico de um curso presencial. Por outro lado, a mudança representa uma abertura que a gente teve, e que não existia antes, para todas essas possibilidades que a gente está tendo de experimentar esses ambientes digitais.

Revista ComSertões — **Pra esclarecer as perdas implicadas numa formação em Psicologia por ensino remoto, o senhor pode citar quais são as críticas do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e quais argumentos refutam a aprovação de um curso em Psicologia nesse formato?**

As instituições que citei são contrárias à formação em Psicologia por ensino remoto, desde quando começaram a surgir as propostas de graduação em Educação a distância (EAD). Os Conselhos sempre estiveram afinados na sustentação de que é inviável uma formação em

Saúde acontecer a distância. Uma vez que, quase todo cuidado em Saúde acontece de forma presencial, havendo a necessidade do profissional ter aproximação com o corpo, com o manejo desse corpo, efetuando os cuidados necessários. Os cursos em EAD atendem a interesses econômicos de faculdades particulares, havendo o receio do CNS de que estas empresas privadas estejam mais comprometidas com o financeiro do que com a dimensão ética, a qualidade do ensino e da formação dos profissionais em Saúde. Para o próprio campo da Psicologia, por trabalhar com uma dimensão tão íntima dos sujeitos e grupos, a necessidade da presença física e o manejo terapêutico, são fundamentais para que os alunos vivam experiências reais, com vivências concretas nos ambientes de estudo e trabalho.

Revista ComSertões — Como a universidade tem escutado as necessidades dos discentes?

Barreto — Eu percebo que a gente tem uma comunidade de estudantes, que estão ansiosos para não interromper a sua vida em seus processos formativos, nesse sentido demandam uma continuidade e a continuidade possível, sendo online, eles desejam. Mas, por outro lado, temos uma dificuldade atravessada por questões objetivas do ponto de vista do acesso às aulas. É preciso ter uma boa internet, ter um bom equipamento, para que se possa estar incluído digitalmente e aproveitar da melhor forma os recursos disponíveis. Nesse caso muitos alunos têm limitações. Outra questão é a própria condição de vulnerabilidade atual, que envolve uma carga de tensão adicional com a crise desencadeada pela pandemia. Nosso distanciamento físico também produz certa fragilidade no vínculo pedagógico, no vínculo de trabalho e no acompanhamento desses estudantes. Eu tenho dado aulas numa disciplina que é obrigatória e apesar de ter uma adesão de matrícula de quase 100% da turma (cerca de 40 estudantes), eu tenho no máximo cinco alunos que abriram a câmera ao longo desse semestre. Eu tenho alunos que não reconheço a face, não vejo o rosto deles. A interação está comprometida, não tem a mesma intensidade das atividades presenciais. Isso pode ser atravessado também por uma limitação minha, uma inexperiência de trabalhar em ambiente digital. Os estudantes também não estão adaptados a esse formato, a própria instituição não está e nem os recursos que a gente tem disponíveis.

Revista ComSertões — Recentemente, o MEC publicou uma portaria no Diário Oficial da União que determinava a volta às aulas presenciais em janeiro, para as universidades e institutos federais. Em menos de doze horas após a publicação, a portaria foi revogada. Dar um norte e voltar atrás tem sido uma atitude recorrente nos ministérios do atual governo, como uma espécie de aferição na tomada de decisões. Como o senhor avalia tais atitudes?

Barreto — Este Governo almeja o enfraquecimento intencional das instituições e universidades públicas brasileiras. O atual presidente Bolsonaro, em sua gestão, deixa explícita a ideia de não desejar a continuidade do ensino universitário público e gratuito. Alguns usam o termo “necropolítica”(conceito cunhado pelo filósofo negro camaronense, Achille Mbembe, que questiona os limites da soberania, quando as decisões do Estado implicam a vulnerabilidade e até a morte dos desassistidos), que traduz bem o que vem acontecendo. Este governo quer terminar com esse modelo de universidade pública, então existe todo um movimento de normativas de legislações que ferem a autonomia universitária. Isso passa pela nomeação de reitores não eleitos democraticamente em diversas instituições, por uma redução cada vez mais acentuada do financiamento das universidades públicas, pela redução do financiamento de instituições e institutos de pesquisa, passa por uma narrativa de desqualificação de determinadas áreas do saber. Esse movimento é revertido em normativas e documentos que os ministérios procuram emplacar e produzir, sem que a população consiga perceber o real impacto. Nós já temos uma série de prejuízos, do ponto de vista da assistência estudantil, por exemplo. Muitos estudantes que entram como cotistas sociais, que estão dentro de uma categoria social de maior vulnerabilidade, tem tido cada vez mais dificuldade de manutenção de seus cursos. Vivemos uma crise institucional na nossa UNIVASF. A gente tem um reitorado, uma gestão atual, que está lá por uma decisão jurídica e não por um processo de eleição que foi respaldado pela comunidade, mas por um conflito jurídico que ainda não foi resolvido. Enquanto isso, foi nomeado um reitor e esse reitor nomeou toda a equipe de pró-reitores, sem nenhum respaldo do conselho universitário.

Revista ComSertões — Em março, o governo Bolsonaro anunciou a restrição de acesso dos cursos de Ciências Humanas do edital de bolsas de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O edital publicado em

23 abril, claramente exclui as Ciências Humanas do incentivo e fomento à pesquisa científica. Qual a intenção em frear essa área do saber?

Barreto — Eu sinto que o campo das Ciências Humanas tem uma importância fundamental para a gente pensar a nossa sociedade, para a gente pensar a nossa cultura, pensar os nossos relacionamentos, e isso incomoda a um governo que tem tendências fortemente totalitaristas. Tem-se utilizado muito também a compreensão de fascismo sobre este governo. Reich, que é uma referência para mim, falava de como o fascismo se sustenta a partir do medo, e em última instância um medo da liberdade. É fascismo se sustenta quanto mais se produz modos e instituições que procuram cercear, controlar os hábitos, impor uma moralidade social sobre o que seria adequado ou não, controlar os pensamentos e a regulação do que se pode ou não pensar, do que é ou não é aceito. Ele atua desejando impor uma moralidade nos costumes, uma moralidade de uma série de questões e, fundamentalmente, desapropriando a responsabilidade dos sujeitos pela sua própria existência, pelas suas próprias escolhas, marcando isso como algo que deve acontecer com ação coercitiva ou por meio do controle de determinadas instituições, sejam elas a igreja, a política, a polícia, o estado em suas diversas manifestações. O ideário extremamente moralizante de família que esse governo sustenta, é um exemplo de como o fascismo se instala na população. As Ciências Humanas e também as Ciências Sociais são campos do saber que não conseguem engolir esses acontecimentos. A gente precisa estudar os comportamentos sociais e entender, por exemplo, as *fake news* e o que elas dizem sobre a sociedade. São temas complexos lançados em massa e reduzidos a mentiras. Muito do que a gente pode traduzir no âmbito das Ciências Sociais, seria discutir as *fake news* estruturando uma visão de cultura e de sociedade que estão extremamente deturpadas na própria sociedade. Como os pronunciamentos que se iniciaram anos atrás sobre ideologia de gênero, com toda uma visão limitada e desqualificadora de um debate profundo para o campo das Ciências Humanas e Sociais. Comportamento que se estende para todos os aspectos relacionados a temáticas de diversidades étnica e sexual, para as questões de raça – fortemente tematizadas pela população e que são negadas pelo governo atual. As Ciências Humanas representam um ponto nevrálgico dentro desse modelo político que ocupa o governo agora. É por isso que a intenção é tão deliberada e tão direta de querer acabar com as Ciências Humanas e Sociais e reduzir a capacidade da população de pensar criticamente. A gente precisa assumir a responsabilidade de poder entrar em contato com a liberdade mesmo reconhecendo o medo.

Revista ComSertões — A gente tem visto crescer a necessidade de acolhimento online e muitos psicólogos aderiram a essa forma de atendimento. A UNIVASF, junto ao curso de Psicologia, pontualmente, oferta eventos gratuitos em ambiente virtual para acolher alunos e profissionais da instituição. Por quê a situação de confinamento, ou isolamento social, parece mexer tanto com o comportamento humano?

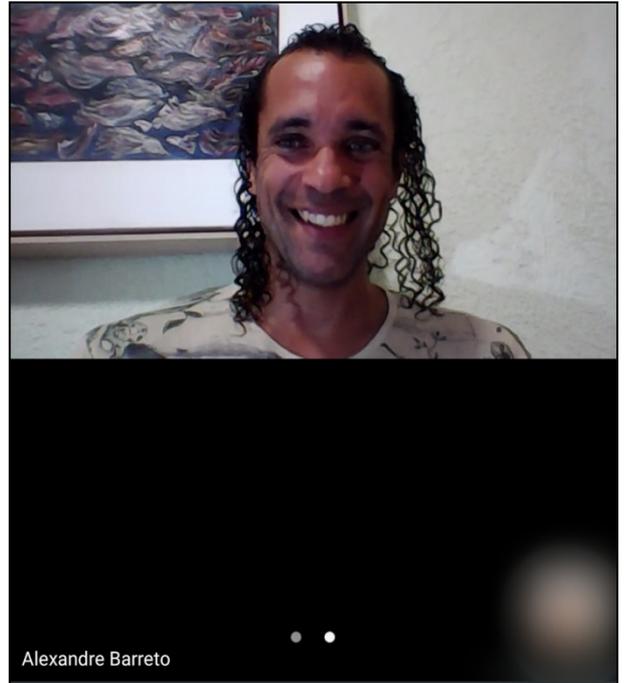
Barreto — Sabe quando a gente está num ritmo e este movimento está tão automático que a vida segue sem a gente se apropriar dos nossos caminhos e escolhas? E então vem uma interrupção brusca, por um imperativo que faz com que o ritmo não possa mais continuar? Esta situação de interdição, que impede as ações condicionadas de continuar, produz um gerador dessa possibilidade das pessoas olharem pra si. Eu acho que a sociedade não adoeceu mais com a situação de quarentena. Mas, nesse momento as pessoas passaram a sentir necessidade de cuidar. No ritmo anterior, aos trancos e barrancos, com um nível de sofrimento relativamente estável, isso era levado a segundo plano. Com essa situação do Covid-19 temos um ponto de crise que uma situação externa impõe - a geração de uma instabilidade diante das verdades. Antes, por mais que no âmago das pessoas o sofrimento não se sustentasse, elas ainda estavam nessa ilusão de querer seguir aquele caminho. Eu tenho a impressão que a situação é essa, porque se a gente acompanha os estudos epidemiológicos, o nível de sofrimento da nossa população já era muito grande. Transtornos mentais moderados ou categorizados como moderados, como depressão e ansiedade, já eram muito presentes na nossa sociedade. No Brasil, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez um estudo e revelou que algumas cidades o Brasil tem a maior concentração de pessoas ansiosas do mundo. Essa questão da ansiedade e da depressão, também outros transtornos como insônia e uma série de doenças, que são habituais na população adulta (doenças crônicas não transmissíveis, como hipertensão arterial e diabetes)... Isso já toma mais de 50% da população adulta. As pessoas estão adoecidas e vivendo medicalizadas, mas mantendo o comportamento padrão que é aceito socialmente. A crise da pandemia abriu a possibilidade para que as pessoas pudessem olhar e cuidar. Trago aqui a questão dos suicídios. Eu ouvi uma entrevista do Ailton Krenak e achei muito interessante o comentário que ele fez, quando perguntaram a ele sobre o alto índice de suicídios entre índios jovens. Ele disse, “É uma situação triste e muito difícil, mas é totalmente compreensível ver que os jovens na potência

da vida deles olham para esse mundo e acham esse mundo totalmente sem graça e desagradável e desistem de seguir essa jornada”. Muitos caminhos que as nossas instituições trilham, todo esse modelo social estruturado por essa macroperspectiva do capitalismo, todo esse modelo econômico e os padrões de relacionamentos estão numa crise profunda. Isso reverbera no corpo das pessoas e reflete em seus padrões de adoecimento. A gente tem visto cada vez mais o aparecimento de doenças autoimunes entre a população. O que acontece na sociedade se reverbera em nossos estados emocionais e mentais. É uma crise generalizada. O que aconteceu foi que as pessoas, diante da possibilidade de uma crise ainda maior da realidade externa, elas foram estimuladas a olhar para uma realidade interna que não estavam olhando. É um desafio sustentar esse olhar da realidade interna, ainda mais diante do que a gente tem hoje inclusive de negação dessa pandemia. A pandemia tem perdurado, tem se alastrado e muitas pessoas já estão retomando a vida anterior, retomando o mesmo ritmo, seja pelas necessidades econômicas de sobrevivência, seja pela dificuldade das pessoas de reverem seus movimentos.

Revista ComSertões — Existem estudos que demonstram como nossos hábitos de consumo, principalmente os alimentares baseados em consumo de proteína animal, estão atrelados ao surgimento de novas doenças virais com potencial de pandemia. Nos curtos períodos em que a pandemia exigiu da sociedade a situação de *lockdown* (confinamento obrigatório), a natureza parece ter aproveitado para se autorregular e se curar. Nas mídias, surgiram muitas imagens e notícias de animais ocupando os espaços urbanos, gafanhotos que se multiplicaram e surgiram em grandes nuvens, outros insetos como escorpiões e potós apareceram aos bocados em nossa região, algumas nascentes de rios voltaram a brotar em povoados próximos às cidades de Jacobina (BA) e Jaguarari (BA)... O que a gente pode apreender destes eventos naturais?

Barreto — Eu acho um desafio a gente fazer essa escuta e encarnar isso. A partir da forma como a gente se relaciona com a natureza, faz todo sentido essa ideia de que o Covid-19 só pode ser resolvido com a vacina, sustentar essa aposta de uma resolução biomédica para a situação. Claro que é relevante a gente querer o apoio da nossa tecnologia, da nossa biomedicina para conter o nível de sofrimento e de dor de tantas mortes. Mas, o problema

é muito mais sistêmico. É simplificador querer que o vírus seja amenizado com anticorpos que serão injetados nas pessoas, porque essa é uma crise de nossa relação com a nossa casa, em todos os níveis. Toda essa relação utilitária que você citou, essa relação de uso utilitário das vidas que coabitam a nossa casa – a grande casa Terra – é um ponto crucial. Como a gente está se relacionando com as vidas que coabitam, que coexistem conosco? Ter essa dimensão da pandemia é o caminho fundamental pra que a gente possa curar. Mas isso pressupõe uma transformação social muito profunda, assim como



Captura de tela obtida durante entrevista

uma transformação pessoal e existencial também. Nossa sociedade como um todo, talvez não consiga fazer essa travessia. Muitas pessoas ficarão pelo caminho, como tem ficado. É difícil a gente prever o que vai acontecer no futuro. A atitude sábia é tentar fazer essa escuta mais profunda. Eu vejo muita sabedoria, por exemplo, nos pensadores indígenas Davi Kopenawa e Ailton Krenak, e nos pensadores pós-colonialistas, como Aníbal Quijano, Boa Ventura de Souza Santos e Ramón Grosfoguel. Eles tem trazido uma crítica já antiga sobre nossa relação com nosso corpo, com os outros seres, plantas e animais que coabitam o planeta, com as águas, com as montanhas, com tudo que faz parte desta interdependência para que a vida possa fluir com potência, com saúde. Sem entrar em desequilíbrio, sem esse ciclo destrutivo e esse ciclo de morte. Infelizmente, nosso governo atual e boa partes dos governos e das instituições internacionais, que regulam o mundo, estão pouco preocupados com essas questões.